MARCOS PEDRAZAS

MINISTÉRIO DE LOUVOR

Impresso na gráfica
das Edições Vida Plena

Rua Flor de Cactus, 140
CEP 08597-640
Itaquaquecetuba (SP)
Telefone:
(11) 2198-1800 /
E-mail:
redacao@emvp.com.br

2025, Marcos Aurélio Pedrazas
Copyright © 2025
O ministério de louvor

Todos os direitos reservados em língua portuguesa às Edições Vida Plena

1ª Edição | Março de 2025
5 000 exemplares
Printed in Brazil

Supervisão geral:
Joel Ramos da Silva
Gerente financeiro:
Elson Wittmann Agoeiro
Gerente de redação/revisão:
Dorval Fagundes
Projeto gráfico (capa e miolo):
Ellen Machado da Costa

Índice

Parte I — Fundamentos do Ministério de Louvor

Capítulo 1 — O ministério de louvor na Bíblia 11

A origem do ministério musical levítico 12

O primeiro momento do ministério musical levítico 12

O segundo momento do ministério musical levítico 13

Respeito à hierarquia 14

A música era um ministério em israel 15

Deus exige dos músicos consagração e humildade 16

O terceiro momento do ministério musical levítico: a música no templo 17

Capítulo 2 — O canto congregacional 22

Benefícios do canto congregacional 22

O canto congregacional nos une a deus e aos irmãos 24

Salmos, hinos e cânticos espirituais 25

Canto congregacional na igreja da idade média 26

Canto congregacional na reforma protestante 26

O sacerdócio geral dos crentes 27

Um antegozo do céu 28

Capítulo 3 — A liturgia do culto 30

O propósito da liturgia 31

Proclamação e aclamação 33

Princípios que regem a liturgia 35

O perigo do formalismo 37

A música e a liturgia 38

Excelência musical 38

Parte II — Funcionamento do Ministério de Louvor

Capítulo 4 — O grupo de louvor 43

A missão do grupo de louvor 44

Como cumprir a missão? 45

Dois fatores essenciais para o sucesso 47

Características dos membros do grupo de louvor 48

Capítulo 5 — A liderança de louvor 53

A importância do líder de louvor 53

A missão do líder de louvor 54

As atribuições do líder de louvor 55

Capítulo 6 — A ministração de louvor 63

Aspectos musicais da ministração 64

Posturas que o líder de louvor deve evitar 69

Preparo do líder para uma boa ministração de louvor 71

Capítulo 7 — Seleção de repertório 77

Critérios para a seleção do repertório 78

Apresentação

A música é parte essencial do culto a Deus. Uma das suas funções é edificar a Igreja, fazendo-a desfrutar da presença de Deus e da ação do Espírito Santo.

O livro que ora se apresenta revela que o serviço musical no culto constitui um ministério, que se alicerça em conceitos altamente espirituais e envolve o trabalho de pessoas separadas por Deus para tal fim.

Os primeiros três capítulos do livro apresentam os fundamentos do Ministério de Louvor:

- o capítulo 1 ressalta que a origem do Ministério de Louvor não é humana mas se baseia na revelação profética. Em Israel, a música no culto funcionava de maneira organizada e profissional, e os que a ela se dedicavam eram levitas, sustentados pelos dízimos.

- o capítulo 2 realça a importância do canto congregacional para o adorador individualmente considerado, para os terceiros que assistem ao culto e para o corpo de crentes reunidos.

- o capítulo 3 estabelece a liturgia como o fator que organiza o culto de maneira direcionada a alcançar finalidades específicas. O Ministério de Louvor não pode se desenvolver em um ambiente de improviso e desordem.

Os capítulos 4 e 5 apresentam dois elementos essenciais ao funcionamento do Ministério de Louvor: o Grupo de Louvor e o Líder de Louvor. Diversas instruções práticas são fornecidas, mas acima de tudo se destaca o preparo espiritual que os que se dedicam a esse trabalho devem possuir para que ele seja uma benção para a Obra de Deus.

Os capítulos 6 e 7 explicam como o Líder de Louvor deve desempenhar duas das suas principais funções: ministrar o louvor perante a congregação e selecionar o repertório adequado ao culto.

O propósito central deste livro é fornecer a todas as igrejas locais ferramentas úteis para através do louvor proporcionar cultos fervorosos e impressivos, que fortaleçam a comunhão entre os irmãos e atraiam almas para o Reino de Deus.

Marcos Pedrazas

Parte

I

Fundamentos do Ministério de Louvor

Capítulo

1

O ministério de louvor na Bíblia

Em muitos momentos da história do povo de Deus, o reavivamento espiritual foi acompanhado por um forte movimento musical. Foi assim em Israel, com a criação do Ministério Musical Levítico, que estudaremos a seguir. Depois, a história se repetiu. Grandes movimentos musicais ocorreram durante a Reforma Protestante e nos reavivamentos do século XVII, na Inglaterra e, depois, nos Estados Unidos.

O grande movimento musical registrado na Bíblia aconteceu nos dias do rei Davi. Naquele tempo, foi implantado o Ministério Musical Levítico.

> ***2 Crônicas 29:25 — "E pôs os levitas na casa do Senhor com címbalos, com saltérios e com harpas, conforme ao mandado de Davi e de Gade, o vidente do rei, e do profeta Natã; porque este mandado veio do Senhor, por mão de Seus profetas."***

O Ministério Musical Levítico surgiu sob a orientação direta de Deus, por meio da palavra profética. Isso mostra que a música no culto deve seguir regras; não deve ser feita de qualquer maneira, nem segundo o critério de qualquer pessoa.

"A igreja é o santuário da congregação. Devem existir aí regulamentos quanto ao tempo, lugar e maneira do culto. Nada do que é sagrado, nada do que está ligado ao culto divino, deve ser tratado com negligência ou indiferença."[1]

"Essa parte da adoração deve ser cuidadosamente dirigida, pois é o louvor a Deus através do cântico."[2]

A ORIGEM DO MINISTÉRIO MUSICAL LEVÍTICO

O início do Ministério Musical Levítico ocorreu no período das escolas dos profetas, fundadas pelo profeta Samuel. Nelas, ensinava-se música e poesia. Era comum os estudantes dessas escolas se reunirem para profetizar com instrumentos musicais.

> *1 Samuel 10:5 — "Então chegarás ao outeiro de Deus, onde está a guarnição dos filisteus; e há de ser que, entrando ali na cidade, encontrarás um grupo de profetas que descem do alto, e trazem diante de si saltérios, e tambores, e flautas, e harpas; e eles estarão profetizando."*

Ali está a origem remota do Ministério de Louvor. Nos dias de Samuel, não havia músicos profissionais para o serviço litúrgico, mas jovens talentosos, que mais tarde formariam a geração dedicada à música no Templo.

Consideremos o Ministério Musical Levítico em três momentos distintos. Nos capítulos 15 e 16 do livro de 1 Crônicas, vemos o início do Ministério de Louvor em Israel, quando a Arca da Aliança foi levada a Jerusalém. No capítulo 25 do mesmo livro, encontramos o trabalho já em desenvolvimento, mas ainda não em seu clímax. No capítulo 5 de 2 Crônicas, vemos o Ministério de Louvor plenamente estabelecido, durante por ocasião da inauguração do Templo de Salomão.

O PRIMEIRO MOMENTO DO MINISTÉRIO MUSICAL LEVÍTICO

(1 Crônicas 15 e 16)

Por ocasião da chegada da Arca da Aliança a Jerusalém, o Ministério Musical Levítico começou a funcionar. Inicialmente, alguns músicos foram designados para o trabalho. Todos eles eram levitas. Asafe, Hemã e Jedutum (também conhecido como Etã) tocavam os címbalos de metal (ou pratos) e eram os líderes gerais da música.

Os demais músicos se revezavam para tocar os outros instrumentos: oito músicos tocavam as harpas, com as notas mais agudas; seis músicos tocavam as liras, com as notas mais graves; seis músicos tocavam outras harpas; e sete sacerdotes-músicos tocavam as trombetas. Um músico era encarregado de dirigir os cânticos. Dos músicos mencionados, nove foram escalados para tocar na comemoração especial pela chegada da Arca a Jerusalém. Asafe era o chefe deles.

> ***1 Crônicas 16:4 e 5 — "Designou dentre os levitas os que haviam de ministrar diante da arca do Senhor, e celebrar, e louvar, e exaltar o Senhor, Deus de Israel, a saber, Asafe, o chefe, Zacarias, o segundo, e depois Jeiel, Semiramote, Jeiel, Matitias, Eliabe, Benaia, Obede-Edom e Jeiel, com alaúdes e harpas; e Asafe fazia ressoar os címbalos."***

Além dos instrumentos musicais, o evento contou com a música vocal: um líder de louvor dirigia os cânticos — Quenanias.

> ***1 Crônicas 15:22 — "E Quenanias, chefe dos levitas, tinha o encargo de dirigir o canto; ensinava-os a entoá-lo, porque era entendido."***

Notamos que, no início do Ministério Musical Levítico, já havia organização e divisão de tarefas entre os músicos. Mas esse era apenas o começo. Davi ainda reinaria por mais de trinta anos até que o Ministério de Louvor fosse plenamente desenvolvido para a inauguração do Templo, que ocorreria no reinado de Salomão.

O SEGUNDO MOMENTO DO MINISTÉRIO MUSICAL LEVÍTICO

(2 Crônicas 25)

O segundo momento do Ministério Musical Levítico encontra-se no capítulo 25 de 1 Crônicas, que cria uma ponte entre as atividades musicais nas escolas dos profetas e o serviço musical no Templo. Nessa época, havia 38 mil levitas, dos quais 4 mil eram músicos. *(1 Crônicas 23:5)*

Os líderes Asafe, Hemã e Jedutum, que na juventude haviam estudado nas escolas dos profetas e participado do início do Ministério de Louvor, agora eram homens adultos. Além deles, vemos nesse momento outros personagens: os filhos deles.

> ***1 Crônicas 25:1 — "Davi, junto com os comandantes do exército, separou alguns dos filhos de Asafe, de Hemã e de Jedutum para o ministério de profetizar ao som de harpas, liras e címbalos."***

Os versículos seguintes *(1 Crônicas 25:2-5)* trazem a lista dos escolhidos para liderar o Ministério de Louvor: quatro filhos de Asafe, seis filhos de Jedutum e dezessete filhos de Hemã. Certamente foi muito gratificante para os pais verem seus filhos participando ativamente do serviço musical em Israel.

RESPEITO À HIERARQUIA

> ***1 Crônicas 25:6 e 7 — "Todos esses homens estavam sob a supervisão de seus pais quando ministravam a música do templo do Senhor, com címbalos, liras e harpas, na casa de Deus. Asafe, Jedutum e Hemã estavam sob a supervisão do rei. Junto com seus parentes, todos capazes e preparados para o ministério do louvor do Senhor, totalizavam 288."***

Aqui vemos a organização do Ministério Musical Levítico. Havia divisão de trabalho e hierarquia no serviço musical. Entre os próprios músicos, havia líderes para cada setor; esses líderes se reportavam a Asafe, Hemã e Jedutum, e os três se reportavam ao rei Davi.

Esse sistema nos ensina como deve funcionar o trabalho musical na igreja: aos músicos cabe respeitar a organização e a hierarquia eclesiástica. Devem estar submetidos ao Ministério Pastoral, que é quem, sob o controle do Espírito Santo, dirige a igreja.

Em Israel, a música integrava o serviço levítico; os músicos estavam vinculados à estrutura da "igreja" organizada, que, por sua vez, tinha a responsabilidade de velar pela integridade dos cultos de adoração.

O serviço musical em Israel está registrado na Bíblia para o nosso ensino, revelando os princípios que devem direcionar a atividade musical do povo de Deus. No aspecto musical, cabe à igreja estabelecer parâmetros que salvaguardem os princípios da Palavra de Deus, em relação a:

1) à música em si mesma,

2) à maneira como ela é executada,

3) por quem ela é apresentada.

"A conexão com Cristo, portanto, envolve a conexão com Sua igreja. A igreja foi organizada para o serviço; e numa vida de serviço dedicado a Cristo, a conexão com a igreja é um dos primeiros passos. A lealdade para com Cristo exige o fiel cumprimento dos deveres da igreja."[3]

A MÚSICA ERA UM MINISTÉRIO EM ISRAEL

2 Crônicas 7:6 — "E os sacerdotes serviam em seus ofícios; como também os levitas com os instrumentos musicais do Senhor, que o rei Davi tinha feito, para louvarem ao Senhor, porque a sua benignidade dura para sempre, quando Davi o louvava pelo ministério deles; e os sacerdotes tocavam as trombetas diante deles, e todo o Israel estava em pé."

Em Israel, o músico era chamado e escolhido especialmente para servir a Deus no Ministério de Louvor.

1 Crônicas 25:1 — "E Davi, juntamente com os capitães do exército, separou para o ministério os filhos de Asafe, de Hemã e de Jedutum, para profetizarem com harpas, com címbalos e com saltérios."

A música no culto configurava um ministério, e os que participavam dela eram separados especificamente para essa finalidade. Entretanto, a participação no Ministério de Louvor exigia

preparo prévio e o preenchimento de certos requisitos por parte dos músicos. Em Israel, a ministração de louvor durante o culto, seja na liderança, no cântico ou na instrumentação musical, não era permitida a qualquer pessoa. Naquela época, Deus exigia que o músico fosse consagrado e andasse em humildade na Sua presença.

DEUS EXIGE DOS MÚSICOS CONSAGRAÇÃO E HUMILDADE

"A música só é aceitável a Deus quando o coração é consagrado, enternecido e santificado por sua docilidade. Muitos, porém, que se deleitam na música não sabem coisa alguma sobre produzir melodia ao Senhor, em seu coração."[4]

No mundo, boa parte dos músicos é conhecida por seus comportamentos imorais. Milhões de jovens seguem o mau exemplo dos 'ídolos' da música, enveredando pelo caminho do vício e da desgraça. Porém, entre os crentes, não deve ser assim. Quanto maior o talento musical que o músico recebe, maior é a sua responsabilidade de desenvolvê-lo para a glória do Senhor.

O músico deve glorificar a Deus não apenas ao exercer sua arte, mas em todos os aspectos da sua vida. "Portanto, quer comais, quer bebais, ou façais outra qualquer coisa, fazei tudo para glória de Deus." (1 Coríntios 10:31) "Deus é glorificado por hinos de louvor vindos de um coração puro, cheio de amor e devoção para com Ele."[5] O músico só se torna uma verdadeira testemunha perante a congregação quando representa corretamente a verdade na sua própria vida. Se o músico não é consagrado, a sua música ofende a Deus.

"Exibição não é religião nem santificação. Nada há mais ofensivo aos olhos de Deus do que uma exibição de música instrumental, quando os que nela tomam parte não são consagrados e não estão fazendo em seu coração melodia para o Senhor."[6]

A humildade é uma das características essenciais de quem atua no Ministério de Louvor. O músico reconhece a sua indignidade e abandona a postura vaidosa e autossuficiente, evitando a armadilha que seduz muitos músicos talentosos. "O talento musical não raro incentiva o orgulho e o desejo de exibição, e os cantores não dedicam senão pouca atenção para o culto a Deus. A música, em vez de levá-los a lembrar-se de Deus, frequentemente os leva a esquecê-lO."[7]

Os músicos são instrumentos usados por Deus para edificar a igreja através da música. Quando se apresentam nos cultos, exercem um papel muito importante, pois ministram o louvor e transmitem a mensagem para toda a congregação.

Durante a apresentação dos músicos, todos os olhares estão voltados para eles. Naquele momento, eles representam a igreja perante a comunidade em geral. A sua conduta influencia fortemente as pessoas que assistem ao culto.

"Vós sois a nossa carta, escrita em nossos corações, conhecida e lida por todos os homens." (2 Coríntios 3:2) A conduta do músico, não apenas durante a apresentação musical, mas também em sua vida pessoal, determinará se a sua influência será "um bom perfume" (2 Coríntios 2:15) ou não.

Finalmente, chegamos ao clímax do Ministério de Louvor em Israel, por ocasião da inauguração do Templo de Salomão.

O TERCEIRO MOMENTO DO MINISTÉRIO MUSICAL LEVÍTICO: A MÚSICA NO TEMPLO

(2 Crônicas 5)

Davi, já velho, concluiu a estrutura do serviço musical a ser implementado no Templo, que estava em fase final de construção, mas seria inaugurado somente após a sua morte.

A inauguração do Templo elevou o Ministério Musical Levítico a um patamar mais elevado. A organização do serviço de música

atingiu seu clímax. Nada era deixado ao acaso, de improviso. Tudo era feito de maneira solene e organizada.

> *2 Crônicas 5:12 — "E todos os levitas que eram músicos, isto é, Asafe, Hemã e Jedutum, e os membros dos seus grupos de famílias estavam de pé no lado leste do altar, vestidos de roupas de linho e com pratos musicais, harpas e liras nas mãos. Junto com eles estavam cento e vinte sacerdotes que sabiam tocar trombetas."*

Vemos dois aspectos importantes nesse texto:

> **1. Os músicos usavam roupas especiais para cantar. Isso simboliza o vestuário adequado que os músicos devem usar quando se apresentam perante o Senhor.**
>
> **2. 120 sacerdotes tocavam trombetas. Isso indica que, assim como muitos sacerdotes eram músicos, o Ministério Pastoral da igreja deve se envolver com a música, não apenas delegando tarefas, mas participando diretamente do serviço musical.**

Os obreiros e pastores devem dominar, ou ao menos conhecer, a arte musical. A música deve fazer parte da formação deles. Esse princípio foi aplicado em um importante momento do Ministério de Louvor na história da igreja Cristã: durante a Reforma Protestante na Alemanha, Lutero valorizou o ensino musical nas escolas teológicas.

"A necessidade exige que a música permaneça nas escolas. Um professor deve saber cantar, do contrário não o considerarei. Antes que um jovem seja admitido ao ministério, ele deve praticar música na escola." — M. Lutero, *Aos conselhos de todas as cidades da Alemanha para que criem e mantenham escolas cristãs,* 1524.

Os músicos integravam a parte mais alta da hierarquia eclesiástica em Israel. Não era fácil ser um músico profissional. Os músicos levitas só podiam trabalhar no Templo a partir dos 25 anos de idade. O tempo de serviço era de 25 anos. Aos 50 anos, eles se aposentavam. O aprendizado musical específico durava 10 anos.

Esse era o quadro do Ministério de Louvor em Israel. O trabalho iniciado por Davi se estabeleceu e foi adotado como modelo a ser seguido durante séculos. Os princípios do Ministério de Louvor em Israel devem ser adotados pela igreja hoje. Eles estão registrados na Bíblia para o nosso ensino.

O sistema musical criado por Davi foi posteriormente adotado por diversos reis. Às vezes, a nação abandonava o culto a Deus, mas nos momentos de reavivamento, o Ministério de Louvor era restabelecido.

No reinado de Ezequias, o Ministério de Louvor foi resgatado pelo rei, para que novamente o nome de Deus fosse invocado no templo, com os cânticos de Asafe e Davi.

> ***2 Crônicas 29:30 — "O rei e as altas autoridades disseram aos levitas que cantassem ao Senhor os cânticos compostos por Davi e pelo profeta Asafe. Cantaram cheios de alegria e depois se ajoelharam e adoraram a Deus."***

Quando o rei Josias buscou ao Senhor, reinstituiu o serviço sagrado, inclusive o Ministério de Louvor.

> ***2 Crônicas 35:15 — "Os cantores do grupo de Asafe estavam nos seus lugares, de acordo com as ordens do rei Davi e de Asafe, de Hemã e de Jedutum, o profeta do rei. Os guardas também estavam nos seus lugares guardando os portões do Templo. Nenhum deles precisou abandonar o seu posto, pois os seus colegas, os outros levitas, prepararam a parte dos sacrifícios que era deles."***

Após o cativeiro babilônico, na época da reconstrução de Jerusalém, o Ministério de Louvor foi restabelecido no Templo.

> ***Esdras 3:10 — "Quando os construtores colocaram os alicerces do Templo, os sacerdotes ficaram de pé, vestidos com roupas especiais para aquela ocasião e com trombetas nas mãos. Os levitas descendentes de Asafe carregavam pratos musicais para louvar a Deus, o Senhor, de acordo com o que Davi, rei de Israel, havia mandado."***

Neemias 11:22 — "O chefe dos levitas que moravam em Jerusalém era Uzi, filho de Bani e neto de Hasabias. Os seus antepassados foram Matanias e Mica.Ele pertencia ao grupo de famílias de Asafe, que era o grupo responsável pela música nos serviços do Templo."

Referências bibliográficas

1 *Testemunhos seletos, vol. 2, p. 193.*
2 *Testemunhos para a igreja, vol. 9, p. 144*
3 *Educação, p. 268.*
4 *Evangelismo, p. 512.*
5 *Ibidem, p. 510.*
6 *Idem.*
7 *A fé pela qual eu vivo, p. 242.*

Capítulo

2

O canto congregacional

O canto congregacional é uma expressão profunda do compromisso da igreja para com Deus e da união dos irmãos entre si. Unidos em verdade, amor e alegria, os crentes erguem a voz para louvar em um só espírito e um só propósito.

Através do canto congregacional, os cristãos se unem para expressar sentimentos religiosos em comum, emoções e a fé que molda a sua identidade e missão como povo de Deus. A voz e a mente são envolvidas de maneira única no louvor, e assim todo o ser, em união com o restante da comunidade de crentes, se une em adoração ao Senhor.

Nesse ato tão significativo, os cristãos vivenciam verdadeira comunhão uns com os outros e com o Senhor. Os cânticos fazem parte da experiência coletiva da adoração dos cristãos do mundo inteiro. Por meio do louvor, as pessoas partilham com Deus seus sentimentos de alegria e expressam fé, esperança e gratidão. Na Bíblia, o povo de Deus muitas vezes é exortado a cantar-Lhe louvores (Salmos 95:1; 98:1; 149:1). Isso é tão importante que a Terra inteira é convidada a cantar ao Senhor (Salmos 66:4; 67:4; 68:32), inclusive o mundo natural (Salmos 65:13).

BENEFÍCIOS DO CANTO CONGREGACIONAL

1. Em primeiro lugar, o canto congregacional traz benefícios pessoais ao adorador. O momento em que os adoradores se reúnem para louvar a Deus torna-se importante neste mun-

do turbulento. O intelecto e as emoções são direcionados para algo maior que os problemas do dia a dia. A mente é elevada para além das dificuldades e os olhos se voltam para Aquele que é transcendental. Ao se lembrar da misericórdia de Deus, o crente encontra alívio e sente o desejo de oferecer-se a Ele como sacrifício vivo (Romanos 12:1).

2. Em segundo lugar, o canto congregacional é um bom testemunho para os que assistem ao culto. Os visitantes se impressionam ao ver que homens e mulheres de distintas classes sociais louvam juntos, unidos em um único propósito. Os amigos ou familiares que frequentam a igreja, mas ainda não aceitaram a fé, o estranho que entrou no templo, os transeuntes na rua que ouvem as vozes da congregação, todos recebem um poderoso testemunho quando a comunidade de crentes se une para cantar. A visão e o som de uma congregação que louva com a voz é um testemunho forte, em meio a uma cultura que rejeita a Deus e abraça o individualismo.

Esse efeito positivo, porém, não se verifica no cântico desanimado, sem expressividade. A interpretação musical adequada ao culto é sempre fervorosa, condizente com a letra dos hinos. O louvor congregacional constitui um testemunho público do poder transformador de Deus na vida do adorador.

O cântico é uma manifestação pública daquilo que cremos. Nossas igrejas não são apenas templos onde se prega a Palavra. Elas devem ser lugares que, em si mesmos, dão testemunho. Não é somente o cristão individualmente que tem de deixar sua luz brilhar; cada igreja local deve ser um farol que ilumina as trevas ao redor.

3. Em terceiro lugar, o canto congregacional beneficia a igreja. Não se pode minimizar a importância do louvor para a comunidade de crentes. Quando eles se reúnem, cantam não apenas para Deus; cantam também uns para os outros. O impacto

que alcança o adorador individualmente reverbera em direção àqueles que o rodeiam. O apóstolo Paulo encoraja os cristãos a falarem entre si "com salmos, hinos e cânticos espirituais" (Efésios 5:19). Em outras palavras, através da música Deus se revela a Seu povo. O louvor congregacional traz à lembrança dos irmãos verdades eternas e contribui para criar e fortalecer um vínculo espiritual entre eles.

O ato de cantar com os irmãos é uma atividade espiritual, que envolve humildade, disciplina e submissão à comunidade, à Palavra e à comunidade. Lutero afirmou: "Cante com a comunidade e você cantará bem. Mesmo que o seu cantar não seja melodioso, ele se mesclará ao som do grupo." No canto congregacional, cada coparticipante interage de maneira única, de acordo com suas habilidades e talentos. Ao mesmo tempo, um ajuda o outro a oferecer o que tem de melhor no louvor. Não há lugar para exibicionismo. O canto é dirigido a Deus como uma expressão da comunidade.

A música não é um privilégio apenas de alguns. Na medida do possível, ela deve ser interpretada por toda a congregação, sem distinção de sexo, idade ou posição social. "O canto não deve ser sempre feito por uns poucos. O mais frequentemente possível, una-se toda a congregação."[1] "Muitas vezes o canto de hinos simples pela congregação tem um encanto não possuído pelo canto de um coro, por mais hábil que seja."[2]

O CANTO CONGREGACIONAL NOS UNE A DEUS E AOS IRMÃOS

O culto é um relacionamento: o relacionamento do homem com Deus, de Deus com o homem e do homem com seu semelhante. O relacionamento com Deus é vertical e ocorre através da adoração, que conduz o homem à obediência à Palavra. Os atos litúrgicos de celebração não possuem valor em si mesmos, mas somente na medida em que nos levam à presença de Deus. O canto congregacional é uma

ferramenta poderosa para produzir um ambiente de contrição, sob a influência do Espírito Santo, que conduzirá os presentes ao arrependimento e à conversão.

O relacionamento entre os seres humanos é horizontal. A liturgia tem como meta principal agradar a Deus, mas também deve visar a comunhão entre os irmãos. O culto relevante é uma real expressão coletiva e não apenas uma expressão da liderança. O canto congregacional permite que a igreja louve, agradeça e suplique a bênção do Senhor, num contexto de amor fraternal.

Os hinos fortalecem a comunhão entre os irmãos e os aproximam mais de Deus. Quando os irmãos da congregação estão cheios da presença de Cristo, eles se reúnem e cantam. Desse modo, o povo de Deus manifesta a sua unidade através de uma linguagem comum: a música. Nesse momento, o canto não é o de uma pessoa, mas o da igreja reunida; entretanto, o adorador pode dele participar. Assim, o canto congregacional amplia o horizonte espiritual dos crentes e se torna a voz da igreja que louva a seu Deus.

Num sentido profundo, a música congregacional tem duplo efeito: "liga os integrantes da comunidade à Palavra de Deus e, ao mesmo tempo, lhes possibilita expressar o íntimo do coração através do canto." (Cláudio Peres.)

SALMOS, HINOS E CÂNTICOS ESPIRITUAIS

Em Colossenses 3:16 e Efésios 5:19, encontramos os tipos de cânticos que os cristãos usavam nos dias apostólicos. Paulo lembra dos salmos, que representavam aquilo que os judeus haviam herdado, e ainda se refere aos hinos e cânticos espirituais, que eram novidade.

Os novos tipos de cânticos surgiram em função de alguns fatores. O principal deles era a necessidade de priorizar o ensino. Os primeiros cristãos precisavam "perseverar na doutrina dos apóstolos" (Atos 2:42). Por essa razão, nada mais sensato do que levar a igreja ao estudo das novas doutrinas cristãs, com ênfase no ensino da Palavra.

Os hinos continham as verdades da fé cristã e serviam para fixá-las na mente dos adoradores.

Outro fator importante na igreja primitiva foi a maior espontaneidade das reuniões, que se realizavam nas casas dos novos conversos. Os cultos eram mais participativos. A ideia da *koinonia* (comunhão), com a valorização do relacionamento entre os irmãos, fez brotar um novo estilo musical, chamado "cânticos espirituais", que proporcionava um ambiente mais informal aos cultos.

CANTO CONGREGACIONAL NA IGREJA DA IDADE MÉDIA

O quadro descrito anteriormente retrata a música congregacional nos primeiros séculos da era cristã. No entanto, esse panorama foi totalmente modificado na Idade Média. A música no culto perdeu a característica congregacional e passou a ser cantada apenas por profissionais da *Schola Cantorum.* A congregação não participava mais do louvor — a música era apresentada por monges, que cantavam exclusivamente em latim. O povo não compreendia o que estava sendo cantado. A liturgia se transformou em um momento clerical, e a participação ativa dos "leigos" foi excluída do culto. Por mais de mil anos, o canto congregacional praticamente desapareceu da liturgia oficial da igreja.

CANTO CONGREGACIONAL NA REFORMA PROTESTANTE

A Reforma Protestante do século XVI proporcionou uma mudança nesse quadro. Lutero promoveu a transformação mais radical que a música sacra já havia experimentado: ele introduziu o canto congregacional como ingrediente vital do culto. O canto pela congregação, algo inovador para a época, foi definitivamente estabelecido. Hinários começaram a ser compilados. A formação de corais e orquestras foi estimulada nas igrejas locais.

Algumas características presentes hoje nos hinos foram estabelecidas na Reforma Protestante, como, por exemplo, a melodia na voz soprano, os arranjos vocais para quatro vozes, feitos em torno da melodia principal, e o modelo estrofe-coro, concebido para facilitar a compreensão da música congregacional.

O SACERDÓCIO GERAL DOS CRENTES

Na Reforma Protestante, foi estabelecida a ativa participação da comunidade na liturgia, como consequência da doutrina do sacerdócio geral dos crentes (Êxodo 19:5 e 6; 1 Pedro 2:9). Compreendeu-se que o sacerdócio dos crentes abrange todos os aspectos da vida cristã, incluindo o culto. "Proclamar as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz" (1 Pedro 2:9) tem uma conexão óbvia com a função da música no culto como um fator de louvor e proclamação.

"Pois todos aqueles que têm a fé de que Cristo é um sacerdote em favor deles diante de Deus, no céu, [...] apresentando por intermédio dele sua oração, seu louvor, [...] esses, onde quer que estejam, são verdadeiros sacerdotes [...]. Por isso, todos os homens cristãos são sacerdotes e todas as mulheres são sacerdotisas, sejam jovens ou velhos, senhores ou servos, senhoras ou servas, doutos ou leigos." (Lutero.)

Se os fiéis são sacerdotes, eles não devem apenas estar presentes no culto, passivamente, mas devem se tornar participantes ativos no culto. Louvor, proclamação e adoração não são ações exclusivas de sacerdotes, coros e líderes de culto, mas envolvem todo o povo de Deus. Cada pessoa, mesmo leiga, pobre ou iletrada, tem acesso direto a Deus através de Cristo. Todos são encorajados a se juntar ao louvor congregacional, independentemente do nível individual de habilidade musical.

Toda música no culto, seja ela cantada pela congregação ou tocada por instrumentistas, é, na realidade, o canto proveniente do sacerdócio geral, confessando e proclamando ao mundo as boas novas do evangelho.

Para tornar-se acessível a todas as pessoas, o canto congregacional deve ser entoado no idioma da comunidade e valer-se de uma melodia simples. O crente se sente estimulado a aproximar-se pessoalmente de Deus, porque entende o que é cantado no culto. Compreender o que se canta é o requisito básico para que se possa cantar com entendimento, cumprindo a exortação bíblica de 1 Coríntios 14:15, a qual afirma: "Que farei, pois? [...] cantarei com o espírito, mas também cantarei com o entendimento."

UM ANTEGOZO DO CÉU

O canto congregacional é também um privilégio, um antegozo do céu. Afinal, um dia no futuro, toda tribo, língua, nação e povo cantarão como uma congregação diante do trono do Cordeiro Ressuscitado. Até então, encontramos um microcosmo daquele dia na forma expressiva do louvor congregacional. Aqui na Terra, antecipamos as glórias inigualáveis do Céu, quando cantamos juntos com os nossos irmãos em Cristo.

Referências bibliográficas

1 Evangelismo, p. 507.

2 Ibidem, p. 509.

Capítulo

3

A liturgia do culto

No Novo Testamento, a palavra liturgia aparece 15 vezes, com três sentidos distintos, a saber:

1. No sentido comum (civil) de serviço, referindo-se a uma ação comunitária ou função pública.

2. No sentido ritual-sacerdotal do Antigo Testamento, em textos que fazem referência ao sacerdócio veterotestamentário, aplicando-o à obra de Cristo no santuário celestial.

3. No sentido cultual, referindo-se à sequência dos atos do culto ou à forma da qual esses atos se revestem. É nesse sentido que usaremos a palavra "liturgia" no presente texto.

"A liturgia de uma cerimônia religiosa define-se como a forma de celebração de um amplo conjunto simbólico, no caso, o evangelho. Não é possível celebrar algum conteúdo sem uma forma. A forma sem um conteúdo, em um certo sentido, pode existir, mas não o contrário." (Rubem Amorese.)

Quando pensamos em liturgia, quase sempre a imaginamos como um culto formal. Entretanto, a verdade é que todo culto tem uma liturgia. Em reuniões mais espontâneas, talvez seja difícil decifrar a liturgia, mas ela está lá. Quer seja tradicional ou contemporânea, cada cerimônia segue uma forma estabelecida.

"Toda igreja tem uma liturgia, não importa se seus membros não se consideram litúrgicos. Tanto a mais alta missa anglo-católica quanto o mais simples culto de adoração e louvor evangélico são li-

túrgicos no sentido mais estrito da palavra. Certamente há entre eles uma diferença dramática na liturgia, mas ambos compreendem uma forma e uma ordem de culto." (D.G. Hart.)

O termo *liturgia* é definido como uma "forma prescrita" (Dicionário Inglês Oxford), ou seja, uma forma imposta com base na autoridade. No caso da liturgia cristã, a autoridade que prescreve ou impõe a forma é a Palavra de Deus. Além disso, a Bíblia deve prescrever não apenas a forma do culto de adoração, mas também o seu conteúdo. Se a forma e o conteúdo de uma cerimônia não forem prescritos pela Palavra de Deus, dificilmente o culto poderá ser chamado de adoração cristã.

É comum entender-se a liturgia meramente como um conjunto de elementos e práticas no culto, um programa religioso. Porém, o termo grego *λειτουργία* (liturgia), formado por *λειτ* (laós, povo) e *ουργία* (urgia, trabalho), significa literalmente "trabalho do povo", indicando o ato de serviço público e religioso. Nesse sentido, liturgia é mais que um roteiro; é um modo de agir. Já o conceito inglês de culto é "serviço" (*service*), que compreende o aspecto da adoração pública onde cada cristão é integrado na tarefa de cultuar, no sentido de servir. Liturgia é um serviço religioso, e esse serviço é culto a Deus.

O PROPÓSITO DA LITURGIA

O principal propósito da liturgia é estimular um envolvimento crescente da igreja com o Senhor. Para que isso ocorra, os adoradores devem participar ativamente no culto. O planejamento adequado aumenta a possibilidade de uma adoração mais participativa. Quanto mais envolvida a congregação estiver com a liturgia, mais plenamente ela participará da experiência que o culto proporciona. Ter um encontro com Deus produz respostas poderosas. Toda vez que nos encontramos com Ele, somos transformados. O encontro de Deus com o Seu povo é a maior bênção que o culto pode oferecer. As pessoas que, mesmo presentes na reunião, não participam da adoração, têm grande perda.

Um grave obstáculo à verdadeira adoração é a mentalidade de espectador que atinge alguns assistentes. Conhecem em detalhes o programa do culto, mas não participam dele. Mantêm-se apenas na superfície, não "mergulham" na adoração. Acompanham as coisas que acontecem no altar, mas pouco contribuem para o êxito do culto. Esquecem-se de que ninguém pode adorar no lugar do outro. O chamado divino à adoração é individual; no culto, não há distinção entre ator e público. Todos são adoradores, ninguém é espectador.

A liturgia deve ser concebida de modo a transformar um "culto de programa" em uma "adoração participativa". Estamos acostumados ao "programa": uma sequência de fatos centrada em um tema, sobre o qual cantamos e falamos.

Há três problemas com o "culto de programa":

1. Ele se centraliza mais em "algo" do que em "alguém". Deus se torna apenas o tema, mas não a fonte da adoração.

2. Os "programas" normalmente inspiram uma postura passiva. Em geral, os assistentes participam apenas como observadores.

3. O "culto de programa" nos estimula a julgar. Os programas são avaliados pela qualidade do orador ou dos músicos. É comum avaliá-los pelo gosto pessoal ou pelo que se aprendeu ou deixou de aprender. O impulso de criticar surge naturalmente, porque, apesar de não termos elaborado ou participado daquele programa, esperamos que ele nos agrade.

Para sairmos do "culto de programa" e entrarmos na "adoração participativa", precisamos eliminar os três problemas mencionados da seguinte maneira:

1. A liturgia do culto deve ser elaborada de modo a deixar claro que Deus é a fonte e não apenas o tema de adoração. Isso implica em:

a) Ter momentos no culto em que as músicas congregacionais se dirijam com reverência, mas diretamente a Deus, realçando o acesso que o Seu povo tem a Ele através de Cristo;

b) Empregar uma linguagem que nos faça lembrar que Deus está realmente presente quando a Sua igreja se reúne;

c) Fomentar a consciência de que Deus nos ouve.

2. Deve-se inserir na liturgia momentos diversos nos quais todos os irmãos possam participar ativamente do culto.

Proclamação e aclamação

Nesse sentido, convém considerar os momentos de proclamação e de aclamação nas reuniões. O primeiro se "relaciona diretamente com a pregação da Palavra de Deus, e as atividades próprias e exclusivas do pregador; é a mensagem de salvação exposta no evento do sermão. Por outro lado, a aclamação se interpreta como a ação ativa e participante por parte da congregação, tanto em resposta à proclamação, como a expressão de adoração, por meio de diversas manifestações, no contexto da devoção." (Cláudio Peres.)

Os momentos de aclamação, nos quais a congregação participa mais, normalmente ocupam, nas liturgias tradicionais, parte muito menor do que os momentos de proclamação. Embora a ministração da Palavra seja o elemento central da liturgia protestante, os elementos de aclamação não devem ser negligenciados. Um culto no qual os irmãos permanecem em postura passiva a maior parte do tempo não se coaduna com a adoração participativa. Momentos aclamativos, como o canto congregacional, as leituras responsivas, os diálogos e os testemunhos pessoais, devem ocupar tempo relevante na liturgia.

A liturgia bem elaborada considera a proporção de tempo que se destina às partes aclamativa e proclamativa do culto. Se houver um balanceamento do tempo entre as duas partes, o culto será potencialmente mais efetivo.

Proporcionar aos crentes a oportunidade de participar ativamente da adoração em todos os momentos deve ser a preocupação dos que elaboram e dirigem o culto. Ao final de cada reunião, os líderes da igreja, inclusive os pregadores, devem se perguntar: "Contribuímos para que os fiéis respondessem adequadamente às impressões do Espírito Santo?", "A Palavra falada ou a música estimulou os adoradores a uma resposta ou decisão?", "Os irmãos se sentiram desafiados pelas demandas do evangelho?", "O culto serviu como ferramenta para conduzir pecadores ao arrependimento e à conversão?"

A ordem do culto não pode negligenciar elementos que estimulem respostas dos adoradores. Numa liturgia eficiente, não devem faltar momentos de:

- Louvor e adoração;
- Convicção e confissão;
- Ensino e comunicação;
- Ação de graças e sacrifício;
- Compromisso de vida.

3) A liturgia deve funcionar com o propósito de trocar o foco de "eu gostei?" para "agradou a Deus?". Provocamos esse efeito quando:

a) evitamos fazer comentários desnecessários sobre o que gostamos ou não gostamos no culto;

b) preocupamo-nos com o que Deus espera de nós como adoradores;

c) estimulamos uns aos outros a descobrir de que maneira Deus se fez presente no culto.

PRINCÍPIOS QUE REGEM A LITURGIA

1. A liturgia deve ser simples, tal como é o evangelho, mas ao mesmo tempo profunda e significativa.

Entender isso levará muitos músicos da igreja a realinharem suas prioridades e a se afastarem da música pretensiosa, que busca a todo custo o "grande efeito" de agradar o ouvinte com atrativos superficiais. (Carl Schalk.)

2. A liturgia não se apoia no indivíduo, mas na comunidade dos fiéis.

A comunidade dos fiéis não significa meramente a soma dos indivíduos. A igreja compõe-se de fiéis, mas é mais do que a soma deles. Os fiéis estão unidos por uma base vital comum. Eles formam o "corpo místico de Cristo", participam da vida comum da igreja e são mantidos nela pelo Espírito Santo. "Cada fiel é individualmente uma célula dessa unidade vital, um membro desse corpo." (Romano Guardini.) É na liturgia que o crente toma consciência dessa unidade que o envolve. Nela, ele está diante de Deus não como um ser isolado, mas como membro do corpo de Cristo. Para o indivíduo, a ação litúrgica é o fundamento da experiência da comunidade de crentes.

No capítulo 14 da primeira carta aos Coríntios, o apóstolo Paulo revela outros princípios relacionados à liturgia.

3) A liturgia deve ser compreensível e edificante para a igreja (1 Coríntios 14:5-19, 26-28).

A ordem do culto deve ser simples e fácil de seguir. Cada parte do culto deve estar relacionada uma com a outra, em simetria e significação. Deve haver uma progressão lógica de uma parte do culto à outra. Enquanto elaboram mentalmente a ordem do culto, os líderes devem eliminar momentos potencialmente embaraçosos ou "pontos cegos" no culto.

4) A liturgia deve dar bom testemunho diante dos incrédulos (1 Coríntios 14:23-25).

5) A liturgia deve evitar a confusão e a falta de decoro (1 Coríntios 14:33-35), primando pela decência e pela ordem (1 Coríntios 14:40).

"O Senhor deseja manter em Seu serviço ordem e disciplina, não excitações e confusão."[1]

"Devem existir regulamentos quanto ao tempo, lugar e maneira de adorar. Nada do que é sagrado, nada do que está ligado à adoração a Deus, deve ser tratado com negligência ou indiferença."[2]

"Pensam alguns que não é direito procurar observar ordem no culto de Deus." A confusão, porém, Lhe desagrada, de modo que deve "haver ordem no orar e no cantar."[3] "A obra de Deus sempre se caracteriza pela calma e a dignidade."[4]

A adoração verdadeira exige postura reverente e decorosa. Mesmo as manifestações espontâneas e informais não devem perder de vista a decência e a ordem. A música de adoração deve ser executada com uma postura reverente pelos cantores e instrumentistas, isto é, com consciência corporal a respeito da glória de Deus (Isaías 6). A postura reverente envolve não apenas aparência pessoal e vestuário adequado, mas também linguajar puro e gestos amáveis.

Não podemos adorar em espírito e em verdade sem uma atitude reverente. Os líderes da adoração devem preocupar-se em conduzir a congregação a um estado de devoção que a aproxime mais de Deus. Isso se alcança mais facilmente quando há ordem no culto e os fiéis percebem que os seus líderes estão bem-preparados e têm a liturgia sob controle.

6) A liturgia caracteriza-se pela alegria reverencial (Salmos 2:11).

Reverência não é sinônimo de silêncio mortal. Os cristãos possuem boas novas para compartilhar! As partes do culto, inclusive a música, devem ser reverentes e alegres.

Alegria e reverência não são posturas antagônicas. O Salmo 2, versículo 11, considera a união de ambas: "Servi ao Senhor com temor e alegrai-vos nele com tremor."

A alegria é a atitude que reconhece a graça de Deus, a sua eterna bondade e misericórdia. Ela não é expressão de um coração impulsivo, mas é a apreensão deslumbrada da pessoa e realizações de Deus.

A reverência não implica em terror, mas no respeito, obediência e honra a Deus. Atitudes como tremer (Êxodo 19:16), silenciar (Hebreus 2:20), prostrar, ajoelhar, tirar as sandálias dos pés (Êxodo 3:5; Josué 5:15) revelam uma profunda percepção da Santidade de Deus, mas também da Sua bondade e amor.

O PERIGO DO FORMALISMO

Todo culto deve adotar uma forma, mas jamais pode cair no formalismo. O formalismo ocorre quando a forma se torna mais importante que o conteúdo, o que transforma a liturgia numa rotina morta, vazia, fazendo com que os elementos do culto, dados por Deus para alimentarem a igreja, percam o valor.

O formalismo na adoração é uma forma de hipocrisia, condenada por Cristo: "Este povo se aproxima de mim com a sua boca e me honra com os seus lábios, mas o seu coração está longe de mim." (Mateus 15:8). Deus odeia o culto formal e a adoração apenas de lábios. Nada é mais repugnante para Ele do que a falta de consagração de quem profere o Seu nome. Ele preferiria que os crentes silenciassem ao invés de adorá-lO apenas na aparência.

Em certa ocasião, quando ofereciam sacrifícios a deuses pagãos e, em seguida, queriam adorar ao Deus verdadeiro, os judeus foram repreendidos: "Odeio, desprezo as vossas festas, e as vossas assembleias solenes não me exalarão bom cheiro. E ainda que me ofereçais holocaustos, ofertas de alimentos, não me agradarei delas; nem atentarei para as ofertas pacíficas de vossos animais gordos. Afasta de mim o estrépito dos teus cânticos; porque não ouvirei as melodias das tuas violas." (Amós 5:21-23)

A MÚSICA E A LITURGIA

A música da igreja encontra seu lugar mais apropriado no contexto da liturgia. É ali que o povo de Deus pode expressar da melhor forma sua adoração e seu louvor comunitário. A liturgia determina o modo como a música será usada no culto.

O uso da música fora do contexto litúrgico facilita o surgimento de elementos que nunca deveriam estar presentes no culto, como o entretenimento e o virtuosismo. A música de adoração é serviço. Compreender esse aspecto elimina a construção performática, exibicionista e espetacular durante a execução das músicas, os pequenos shows travestidos de culto; impede que qualquer elemento musical seja amplificado ao ponto de sobrepor-se à voz da congregação. A instrumentação musical apenas serve como guia para o tom, ritmo e melodia durante a adoração coletiva. Por outro lado, a música como serviço não promove a passividade, não reduz o adorador a espectador, mas promove a participação de toda a congregação.

A execução da música deve ser serviçal. O culto público resulta de atividades corporativas. Como afirmou o apóstolo Paulo: "Quando vos reunis, um tem salmo, outro, doutrina, este traz revelação, aquele, outra língua, e ainda outro, interpretação." Tudo isso se destina a promover um benefício corporativo. "Seja tudo feito para edificação." (1 Coríntios 14:26).

EXCELÊNCIA MUSICAL

A noção de serviço aplicada à música de modo algum se coaduna com mediocridade ou pobreza musical. A música no culto deve ser executada com excelência. A excelência musical é a execução da melodia, harmonia e ritmo com qualidade, perícia, maestria e primor, de modo dinâmico e criativo, com os objetivos exclusivos de edificar a igreja e glorificar a Deus.

Mas essa excelência não pode ser algo que "distrai". Se o ambiente se assemelha ao de um palco de shows e os músicos parecem

desfrutar da sua performance, então o foco está no lugar errado. O objetivo é apresentar a música de tal forma que não soe nem medíocre nem performática a ponto de fazer a congregação esquecer-se da glória de Deus. Portanto, deve-se evitar tanto a música mal executada quanto a música extravagante, porque ambas se desviam do que de fato importa.

A música realmente executada com excelência não atrairá a atenção para o cantor ou instrumentista, nem desvirtuará o propósito do culto. Ela apenas servirá discretamente à comunidade na sua expressão de adoração. A liturgia bem elaborada conduz o culto a uma finalidade espiritualmente edificante, não à ostentação ou aplauso. Tudo que é banal, irreverente ou que exalte o humano deve ser evitado. No culto, há espaço para a manifestação dos dons musicais, mas sempre como serviço, nunca como exibição ou entretenimento.

Referências bibliográficas

1 *Mensagens escolhidas, vol. 2, p. 35.*
2 *Testemunhos para a igreja, vol. 5, p. 491.*
3 *Testemunhos seletos, vol. 1, p. 44.*
4 *Mensagens escolhidas, vol. 2, p. 42.*

Parte

II

Funcionamento do Ministério de Louvor

Capítulo

4

O grupo de louvor

O Grupo de Louvor é formado por pessoas que acompanham a igreja no serviço do canto congregacional. O louvor na igreja flui melhor quando é estimulado por cantores preparados, que interpretam os hinos de maneira dinâmica.

Em Israel, os cânticos da congregação eram dirigidos por um Grupo de Louvor formado por levitas:

> ***Neemias 12:8 — "E os levitas: Jesuá, Binui, Cadmiel, Serebias, Judá, Matanias; este e seus irmãos dirigiam os louvores."***

De igual modo, na igreja de hoje é recomendado que o Grupo de Louvor acompanhe os irmãos no cântico congregacional.

"Organizai um grupo dos melhores cantores, cuja voz possa guiar a congregação, e depois todos quantos queiram se unam com eles. Os que cantam devem esforçar-se para cantar em harmonia; devem dedicar algum tempo a ensaiar, de modo a empregarem esse talento para glória de Deus."[1]

O ideal é que o canto congregacional seja feito em vozes, proporcionando ao culto harmonia e beleza. Para que os timbres e as dinâmicas sejam harmonizados, são necessários dedicação e ensaios. O esforço terá recompensa: ao ver a condução dos hinos com beleza e organização, a igreja passará a louvar com mais qualidade, muitas vezes em vozes, tornando o culto um momento aprazível, para a glória de Deus.

"Nas reuniões realizadas, escolham-se alguns para tomar parte no serviço de canto. E seja este acompanhado de instrumentos de música habilmente tocados."[2]

Diferentemente de outros grupos musicais, o Grupo de Louvor não se apresenta para a congregação, mas canta com ela. Os cantores, incluindo o Líder de Louvor, devem estar em pé, de frente para a igreja, transmitindo uma sensação visual de organização e segurança.

Além dos cantores, os instrumentistas que acompanham o canto congregacional também integram o Grupo de Louvor. Instrumentistas e cantores devem seguir os comandos do Líder de Louvor em relação às entradas e cortes, dinâmicas e andamento.

Para que o momento do canto congregacional funcione bem, dois outros personagens são importantes: o sonoplasta e o responsável pela mídia. Nas igrejas médias ou grandes, é importante haver uma mesa de som e caixas de qualidade para que o Grupo de Louvor cante com microfones, de modo a ser ouvido pela igreja. O sonoplasta deve atentar para um ponto primordial: que o volume de som dos cantores e dos instrumentistas jamais suplante o da congregação. O ambiente de comunhão só se verifica quando os irmãos ouvem as vozes uns dos outros. A participação do Grupo de Louvor serve como um estímulo para que a igreja cante com mais ânimo e de maneira mais organizada. Ao ouvir o Grupo de Louvor e a si próprios, os irmãos se sentem estimulados a louvar melhor ao Senhor.

O sucesso do trabalho depende também do responsável pela mídia. Atualmente, é importante que as igrejas locais disponham de telas (datashow, TV, LED, entre outros) para que a congregação possa acompanhar os cânticos. É função do responsável pela mídia providenciar a projeção eficiente das letras dos hinos nas telas. Quando tal função não é desempenhada corretamente, a igreja se sente perdida durante o louvor, e a sensação de desordem se instala.

A MISSÃO DO GRUPO DE LOUVOR

O Grupo de Louvor, como parte importante do Ministério de Louvor, deve contribuir para que este alcance o seu propósito principal: propiciar o ambiente para que a congregação se dirija à presença de Deus em adoração. Assim fazendo, o Grupo de Louvor coopera

com o trabalho que o Espírito Santo realiza na congregação durante o culto através da música. O cântico fervoroso e com entendimento é uma ferramenta poderosa para impressionar almas e levá-las aos pés de Jesus.

O Grupo de Louvor existe para servir a Deus e ao Corpo de Cristo, e conseguirá cumprir tal propósito apenas se cada um dos seus membros estiver disposto a trabalhar sob a liderança da igreja. O que se espera deles é que entreguem o seu serviço e talentos musicais para a Obra de Deus e à Sua igreja.

COMO CUMPRIR A MISSÃO?

Se desde o início o Grupo de Louvor tiver bem estabelecida a sua missão, o trabalho avançará mais facilmente. Dois fatores importantes ajudam a manter a missão sempre em mente:

1) a visão de ministério;

2) o enfoque espiritual.

Visão de ministério

Os membros do Grupo de Louvor devem ter a consciência de que são servos de Deus envolvidos em um importante ministério; são pessoas inspiradas para motivar a igreja a uma adoração profunda e sincera ao Senhor. Quem se envolve no Ministério de Louvor preocupa-se mais com a motivação e o ânimo da igreja do que com a sua própria performance.

A visão de ministério orienta o planejamento e a execução do louvor. A sonoridade, o repertório, as características técnicas e os resultados que se quer alcançar devem estar submetidos desde o início à missão que orienta o trabalho.

A falta de visão é uma das razões pelas quais os grupos de louvor caem na rotina e monotonia, e, enfim, se desanimam. Alguns músicos se vão e outros ficam; entretanto, mesmo os que ficam muitas

vezes perdem a visão inicial que os fez estar ali e se tornam pessoas problemáticas para o Ministério de Louvor e para a igreja em geral.

Por isso, deve-se reviver a visão de ministério a todo tempo. Assim, ajustes poderão ser feitos e novos elementos poderão ser adaptados para que o trabalho se desenvolva de modo saudável.

É interessante que cada igreja local tenha bem estabelecida a sua própria visão de culto, a ser compartilhada com os membros do Grupo de Louvor. Somente quem possui a visão de ministério sabe que papel desempenhar, que direção seguir e como satisfazer as expectativas da congregação.

Enfoque espiritual

No culto, Deus é o destinatário da adoração, a congregação são os adoradores, e o Grupo de Louvor motiva todos a se apresentarem perante o Senhor.

Os músicos exercem influência na vida da igreja. Nos cultos, dedica-se bom tempo à adoração, e os cantores e instrumentistas estão sempre em evidência. Portanto, eles afetam diretamente a vida espiritual da congregação com sua inspiração e exemplo. Deus procura pessoas que não apenas saibam tocar os instrumentos, mas que O adorem publicamente através deles.

O músico que cultiva o enfoque espiritual não apenas acompanhará ou cantará mecanicamente os hinos, mas se tornará um iniciador da adoração, que dirige e inspira toda a igreja. Muitos pensam que estão isentos de adorar porque se sentem ocupados como artistas, tocando seus instrumentos ou cantando. Deus não pede que a arte do músico seja deixada de lado, mas que ela seja usada para adorá-lO.

Acima de tudo, o músico deve ser um adorador dedicado ao Senhor, movido pelo desejo constante de conhecê-lO cada vez mais e de alcançar outros com a mensagem de salvação. O desempenho musical separado da adoração produz ofertas equivocadas e deixa rastros que podem escandalizar a igreja e desviar almas do bom caminho. O louvor sem enfoque espiritual gera pessoas com ego exal-

tado, que fazem as coisas para serem vistas, estrelas que buscam o reconhecimento pelo talento e não a submissão pelo serviço.

O Grupo de Louvor não pode se tornar um conjunto exclusivo dentro da igreja, que requer tratamento especial porque possui um talento musical destacado. Atualmente, a exaltação de artistas é habitual nos meios de comunicação, inclusive programas de televisão são criados para fabricar ídolos da música, mesmo no mundo dito cristão. Às vezes, entre os músicos de uma mesma igreja, ocorrem desentendimentos por vaidade e ostentação, tudo devido à ausência do enfoque espiritual. A vaidade não pode ter lugar no serviço de louvor do culto. Ao contrário, no momento do canto congregacional, os cantores e instrumentistas se unem para alcançar tão somente o propósito de louvar a Deus e servir à igreja.

DOIS FATORES ESSENCIAIS PARA O SUCESSO

a) Andar em sintonia com Deus

Andar em sintonia com Deus é o fator mais importante para o êxito do Grupo de Louvor. Uma vida de comunhão e de intimidade com o Senhor transparece na maneira de cantar os hinos e se relacionar com a congregação. Muitas vezes, os métodos e planos humanos são estabelecidos e só então se busca a bênção divina. É natural confiar nas próprias habilidades antes de buscar a vontade de Deus. Entretanto, esse erro retira do louvor o poder que somente o Espírito Santo poderia conceder. Para que o trabalho seja realmente abençoado, a comunhão com o Senhor deve ser uma prioridade.

O músico deve relacionar sua atividade musical a um profundo interesse pela Palavra de Deus:

"Como se pode esperar que aqueles que não têm nenhum interesse na Palavra de Deus, que nunca leram Sua Palavra com sincero desejo de lhe compreender as verdades, cantem com o espírito e entendimento? [...] Como se pode o coro celeste unir a uma música que é meramente uma forma?"[3]

Finalmente, o músico que mantém comunhão com Deus e estuda a Palavra apresentará o fruto do Espírito em sua vida pessoal:

"Cristo espera fruto, princípios de bondade, simpatia e amor [...]. Pode uma congregação ser a mais pobre da Terra, sem música nem ostentação exterior, mas se ela possuir esses princípios, os membros poderão cantar, pois a alegria de Cristo está em sua alma, e esse canto eles podem dedicar como oferenda a Deus." [4]

b) Andar em sintonia com a igreja

É muito importante que a direção da igreja e os responsáveis pelo serviço musical estejam sempre em sintonia. O Grupo de Louvor precisa conhecer e respeitar a visão dos líderes da sua igreja e manter um harmonioso relacionamento com eles.

A comunicação entre os que lideram o louvor e o pastor é vital. Eles devem se reunir regularmente para conversar e discutir sobre a liturgia, os cânticos adequados à agenda da igreja, o estilo da ministração de louvor, enfim, tudo o que diz respeito ao canto congregacional.

É importante envolver a igreja em eventos de louvor nos quais se possa ensinar o povo a adorar a Deus com mais qualidade. Assim, o trabalho do Grupo de Louvor encontrará eco no coração dos irmãos e será apreciado por todos.

CARACTERÍSTICAS DOS MEMBROS DO GRUPO DE LOUVOR

Os membros do Grupo de Louvor devem:

1) Ser pessoas cheias do Espírito Santo, que vivem de forma coerente com o seu chamado

Diante da grande responsabilidade que possuem perante a igreja, os músicos devem ser exemplos inspiradores para os irmãos, pessoas dispostas a servir mesmo naquilo que transcende o serviço musical.

O músico que está sempre à frente, perante a congregação, deve preocupar-se com a própria aparência, vestindo-se de maneira decente e asseada. Afinal de contas, ele, em certo grau, representa a igreja perante os assistentes, devido à função privilegiada que desempenha no culto. O cantor ou instrumentista que estiver trajado inadequadamente não pode participar do Grupo de Louvor, sob pena de escandalizar os irmãos e os visitantes.

2) Como músicos, progredir tecnicamente para melhor servir a congregação

Cada membro do Grupo de Louvor deve possuir habilidades musicais naturais e desenvolvidas, e o desejo genuíno de dedicá-las ao serviço de Deus. O instrumentista deve tocar bem, com notas afinadas e ritmo preciso, e preocupar-se sempre em desenvolver a sua técnica. O cantor deve ser afinado, mas isso não é suficiente. A qualidade do timbre, o alcance do registro da voz, a expressão corporal e outros aspectos da performance musical devem estar em constante evolução, tudo com o objetivo de oferecer um louvor cada vez mais agradável a Deus e aos irmãos.

O bom músico almeja ser excelente. Procura apresentar ao Senhor o melhor que pode oferecer. Muitos pensam que excelência musical significa criar arranjos elaborados, fazer solos instrumentais com muitas notas por segundo ou alcançar notas agudíssimas com a voz. No entanto, no contexto do canto congregacional, a excelência não consiste em virtuosismo ou exibicionismo. Excelente é o que serve melhor à congregação. Nesse sentido, mesmo que o cantor consiga entoar notas muito agudas, deixará de fazê-lo para cantar a música no tom mais confortável para a igreja; mesmo que o instrumentista consiga executar um solo virtuosístico, evitará fazê-lo para não distrair a congregação do propósito principal, que é adorar ao Senhor.

Uma palavra-chave para o Grupo de Louvor é "moderação". Cantores e instrumentistas que possuem grande habilidade mostram menos do que sabem quando acompanham o canto congregacional. Os músicos que de fato compreendem o objetivo do culto tocam ou

cantam para apoiar a experiência de adoração, não para ofuscá-la. Um arranjo extremamente difícil não necessariamente revela excelência. Um arranjo feito com zelo e cuidado, simples, mas adequado à congregação, é excelente.

3) Ter compromisso com o trabalho

Quando se assume uma posição, assume-se também um compromisso, que implica em renúncias. Um membro do Grupo de Louvor precisa renunciar a algumas coisas, como, por exemplo, renunciar a um passeio em que todos vão, quando se está escalado para cantar no culto; ou renunciar a um tempo a mais de lazer para ir ao ensaio ou chegar mais cedo à igreja para passar o som.

O membro do Grupo de Louvor deve se comprometer e se autossacrificar em favor da posição que ocupa. O músico que não aparece no ensaio porque sempre tem um imprevisto justificável ou aquele com quem não se pode contar na hora da emergência, nenhum desses deve fazer parte da equipe. É preferível trabalhar com cinco pessoas altamente comprometidas do que com cinquenta com quem não se pode contar. Pessoas descompromissadas atrasam o crescimento dos demais.

É preciso que os grupos de louvor sejam formados por pessoas comprometidas com a obra do Senhor, apaixonadas por Ele, e que, em consequência, cumpram com zelo os seus deveres.

4) Ser pontuais nos horários dos cultos e ensaios

Ser pontual é um compromisso que os membros do Grupo de Louvor têm um com o outro. Quem frequentemente falta ou chega atrasado aos ensaios, ou inventa desculpas, demonstra que não valoriza o seu chamado nem prioriza o Reino de Deus na sua vida. A pessoa que não considera a pontualidade um aspecto importante desrespeita o esforço dos demais, e, se a situação dela não for resolvida, o Grupo finalmente se desanimará.

É importante manter disciplina em relação à pontualidade: a pessoa que não respeita os horários dos ensaios e atividades do Grupo de Louvor deve ser convidada a se retirar por algum tempo, podendo voltar quando estiver disposta a manter a seriedade necessária a um trabalho de excelência para o Senhor.

5) Cultivar espírito de humildade e submissão à liderança da igreja

Muitas vezes, excelentes cantores e instrumentistas são rebeldes e não se dispõem a respeitar os líderes constituídos pelo Senhor para dirigir a igreja. No mundo, os artistas são conhecidos por sua rebeldia e insubordinação, mas entre os crentes não deve ser assim. O alvo do músico cristão é alcançar o padrão que a Bíblia estabelece: pessoas peritas no que fazem, mas também cheias do Espírito Santo e que colocam a técnica a serviço do Reino de Deus.

6) Saber trabalhar em equipe

O Grupo de Louvor não é apenas um conjunto de músicos que se juntam para cantar e tocar no culto. Ao contrário, o que se faz no culto é resultado de um trabalho de equipe, que somente pode ser realizado quando há unidade de propósito entre os participantes.

Trabalhar em equipe significa comportar-se e fazer coisas em prol de um objetivo comum a todos os participantes. Envolve certa dose de renúncia de cada um em favor de um propósito maior. A pessoa de postura individualista, que nunca renuncia às suas opiniões em favor da posição da liderança ou da maioria, não pode fazer parte do Grupo de Louvor.

Referências bibliográficas

1 *Evangelismo, p. 506.*
2 *Ibidem, p. 507.*
3 *Ibidem, pp. 508 e 509.*
4 *Ibidem, p. 512.*

Capítulo

5

A liderança de louvor

A IMPORTÂNCIA DO LÍDER DE LOUVOR

Para que o canto congregacional seja conduzido de maneira adequada e alcance a excelência e a unidade na liturgia, é necessário que se estabeleça uma liderança musical. Nessa perspectiva, torna-se essencial, além da ação do Grupo de Louvor, a presença de um Líder que esteja à frente da congregação. O louvor flui de forma mais fervorosa e organizada quando a igreja identifica um líder eficaz.

O Líder de Louvor planeja a parte musical do culto e dirige os cânticos congregacionais, levando as pessoas a expressarem a sua adoração a Deus por meio da música. Ele também é responsável por dirigir os cantores e instrumentistas do Grupo de Louvor, definindo o andamento e a dinâmica das músicas, as entradas, os cortes e as partes que deverão ser repetidas, entre outras coisas. Também cabe ao Líder conduzir a ministração de louvor, interagindo com a congregação, seja no anúncio dos hinos ou na transição de uma música para outra.

Durante uma ministração, existem vários momentos-chave que exigem a atuação do Líder de Louvor, tais como a transição de uma música para outra, ou entre partes especificadas do hino. Nesses momentos, se não há um líder definido, o Grupo de Louvor fica sem saber para onde seguir, e a própria congregação se perde. Às vezes, devido à ausência ou ineficácia do Líder, algumas situações embaraçosas podem acontecer: o instrumental vai para um lado e o vocal, para outro; ou, sem um comando específico, cada vocalista canta uma parte da música; ou, ainda, enquanto uns repetem o refrão, outros voltam para o verso. Numa ministração de louvor da qual participei, quando estávamos nos aproximando de um momento-chave,

duas pessoas do Grupo de Louvor deram comandos diferentes e o restante da equipe não sabia o que fazer. Foi embaraçoso!

Quando há uma figura de liderança na direção do louvor, o Grupo sabe que deve estar atento aos direcionamentos que o Líder dará, sejam comandos de voz ou sinais com as mãos. Isso evita confusão e distrações para a congregação, que ocorrem quando, por ausência de liderança, não se sabe que direção seguir.

É importante que a igreja consiga identificar a figura do Líder dentro do Grupo de Louvor. Caso a liderança não seja evidente, a impressão de falta de rumo se instala e o louvor não flui. A congregação se sente mais confiante quando consegue identificar que está sendo liderada por alguém que transmite segurança.

A MISSÃO DO LÍDER DE LOUVOR

A missão do Líder de Louvor é conduzir o cântico de tal maneira que a congregação seja levada à presença de Deus pelo Espírito Santo. Os recursos que o Líder utiliza têm a finalidade de fazer a igreja experimentar a ação divina por meio da música.

É papel do Líder criar na igreja a consciência de que não cantamos apenas para passar o tempo ou porque a música é algo bom de se ouvir, mas porque o louvor é um meio transcendental de comunicação com Deus e de comunhão entre os irmãos. O Líder deve não apenas falar a respeito, mas, acima de tudo, ter uma conduta que confirme isso perante a congregação. Quando percebem que alguém fala de algo em que realmente crê, as pessoas se sentem estimuladas a segui-lo.

O Líder de Louvor deve estimular a igreja a participar ativamente na busca pela presença de Deus, utilizando ferramentas para que os irmãos se tornem participantes, ao invés de meros espectadores do culto.

O objetivo principal do Líder é providenciar a melhor oportunidade possível para que a igreja louve. Para isso, deve criar um am-

biente favorável à adoração, no qual as distrações sejam removidas e o foco das pessoas seja direcionado apenas ao Senhor. As distrações podem ser de vários tipos, como, por exemplo, a congregação dispersa, algum componente do Grupo de Louvor cantando desafinado, um instrumentista chamando atenção para si ou um som desbalanceado, com volume baixo ou excessivamente alto. O próprio Líder de Louvor se transforma em distração quando faz gestos rudes, canta com a voz descalibrada ou pronuncia palavras impróprias na ministração.

O alvo maior do Líder de Louvor não é cantar bem, ter um Grupo de Louvor bem-preparado ou um repertório bem selecionado. Essas coisas não são importantes em si mesmas, mas adquirem importância na medida em que servem ao propósito maior de fazer a congregação participar do louvor.

AS ATRIBUIÇÕES DO LÍDER DE LOUVOR

1) O Líder de Louvor é o responsável pela seleção ou pela avaliação da lista de hinos congregacionais selecionados para o culto.

O Líder de Louvor deve conhecer a liturgia e a finalidade principal que cada parte do culto busca alcançar. Assim, terá condições de selecionar o repertório musical adequado aos diferentes momentos litúrgicos. O improviso deve ser evitado. O ideal é que a sequência musical seja estabelecida com antecedência mínima de uma semana, para que o Grupo de Louvor se familiarize com os hinos da programação e compreenda as finalidades a serem alcançadas.

A finalidade de cada parte do culto deve estar de acordo com o propósito mais amplo, estabelecido previamente pelos dirigentes da igreja. Ao elaborar ou revisar a liturgia musical, o Líder de Louvor deve ter em mente esse propósito e, a partir daí, planejar as sequências dos hinos e os conteúdos das ministrações.

Quando faz esse planejamento, o Líder imprime ao programa musical a sua marca pessoal. Todos os cânticos passam a ser apresentados de acordo com a sua perspectiva. Por isso, é importante que haja apenas um Líder de Louvor por reunião. Quando mais de uma pessoa dirige os lou-

vores, a variedade de estilos e de enfoques faz com que o culto mude de perspectiva a cada momento, prejudicando a unidade da liturgia musical.

Para selecionar adequadamente o repertório, o Líder deve conhecer as características musicais da congregação, do Grupo de Louvor e dos instrumentistas da sua Igreja Local. Um Líder de Louvor que conhece a sua igreja sabe escolher canções com as quais ela se identificará. Também deve conhecer bem o repertório que está à sua disposição. Normalmente, o hinário dispõe de músicas apropriadas para os diferentes momentos da reunião, mas nada impede que outros cânticos sejam utilizados. O repertório vai variar conforme a parte específica do culto: momentos emocionais pedem hinos de consagração, aberturas de reuniões solenes pedem hinos de impacto, momentos informais pedem corinhos etc.

Às vezes, o Líder de Louvor recebe as informações sobre o tema do culto e se encarrega de elaborar a ordem dos cânticos. Outras vezes, determinado oficial da igreja elabora a ordem litúrgica do culto e escolhe os cânticos congregacionais de acordo com o tema ou com a finalidade específica da reunião. Nesse caso, a sequência musical deve ser submetida previamente ao Líder de Louvor para que ele verifique se as músicas selecionadas são conhecidas ou se podem ser executadas pelo Grupo de Louvor, pelos instrumentistas e pela congregação. Se houver hino(s) desconhecido(s) ou de difícil execução, o Líder deve propor a sua substituição. Entretanto, não se pode esquecer que os hinos difíceis de hoje poderão ser facilmente interpretados depois, à medida em que os músicos e a congregação desenvolverem o seu potencial musical.

Músicas novas na liturgia

Embora as boas músicas antigas não devam ser esquecidas, músicas novas precisam ser introduzidas na liturgia. Elas produzem um sentimento de surpresa que motiva a igreja. Entretanto, é bom evitar uma sequência de músicas com as quais a congregação não esteja familiarizada. Quando cantamos muitas músicas novas, impedimos que as pessoas se concentrem totalmente na adoração. Elas precisam se-

guir a letra e prestar atenção na nova melodia, para aprender a cantá-la. Quando a igreja está acostumada com a música, o louvor flui melhor, pois todos já a conhecem. Por isso, músicas novas devem ser usadas com parcimônia nos cultos. A quantidade correta de músicas novas numa reunião varia de congregação para congregação. Em algumas, pode-se ensinar uma música nova por semana, em outras, onde a assimilação é mais lenta, apenas uma por mês. O Líder de Louvor deve aprender a conhecer a sua igreja, trazendo coisas novas, mas, ao mesmo tempo, respeitando o limite que ela naturalmente impõe.

Ao ensinar uma música nova, o Líder deve repeti-la mais de uma vez para que as pessoas consigam se familiarizar com a letra e a melodia. Esse cântico deve ser repetido nas semanas seguintes para que todos possam cantá-la sem preocupação. É um erro ensinar músicas novas sem se preocupar se elas estão ou não sendo assimiladas. Um hino não deve ser cantado apenas uma vez e esquecido. É necessário repeti-lo para que ele seja incorporado ao repertório musical dos cultos.

2) O Líder de Louvor motiva e dirige o Grupo de Louvor.

Um grupo musical sem direcionamento é como um corpo sem cabeça: não vai a lugar nenhum. Seus componentes acabam se conformando com a rotina diária e se acostumam com a mediocridade. Uma liderança eficaz estabelece metas e objetivos cada vez maiores, para a glória de Deus, mantendo o grupo motivado.

Quando dirige o Grupo de Louvor, o Líder deve considerar o seguinte:

- **O aspecto técnico-musical.**
- **O aspecto motivacional-espiritual.**

Aspecto técnico-musical

Normalmente, não vemos o louvor como uma apresentação musical, porque o cântico para Deus deve ser sempre espiritual e não pode se comparar a um show mundano. É verdade que o ambiente de um culto deve ser diferente do ambiente de um show, mas não

podemos negar que, quando louvamos a Deus em público, estamos fazendo uma apresentação musical. No canto congregacional, quem se apresenta é a congregação, acompanhada pelo Grupo de Louvor. O Líder, juntamente com o Grupo de Louvor, se coloca perante a igreja e canta com ela, tornando o cântico mais belo e harmonioso. É o Líder que estabelece o andamento, a dinâmica, a acentuação, a divisão em vozes e os demais aspectos musicais que deverão ser seguidos pelo Grupo de Louvor e pela congregação durante o culto.

O Líder de Louvor é responsável pela qualidade musical do canto congregacional. Também cabe a ele dirigir os ensaios e assegurar o progresso técnico do Grupo de Louvor. Para isso, tem que se aprimorar sempre, buscando informações novas e inspiração em outros grupos. O Líder deve possuir qualidades musicais que o façam ser respeitado pelo Grupo de Louvor, pelos instrumentistas e pela congregação.

Produzir música de qualidade exige trabalho árduo e ensaios constantes. Não é de uma hora para outra que os timbres dos cantores se ajustam, a pronúncia das palavras e os cortes são feitos com precisão ou a dinâmica é modulada da mesma forma pelas vozes e pelos instrumentos. A qualidade nos detalhes técnicos é essencial para que a excelência musical seja alcançada. Uma apresentação excelente não impede a adoração; pelo contrário, é exatamente o fato de centralizarmos a nossa adoração em Deus que nos faz apresentar a Ele o nosso melhor. Ele merece!

Aspecto motivacional-espiritual

Trabalhar em equipe é sempre um desafio. Cada músico possui formações e hábitos diferentes uns dos outros, e essas diferenças se refletem no relacionamento dos membros do Grupo de Louvor. A situação pode se tornar estressante, especialmente quando temperamentos fortes se chocam, o que tende a acontecer com frequência.

O Líder deve equalizar as diferenças e unir as pessoas em torno do ideal de servir a Deus e à igreja por meio do Ministério de Louvor. Uma vez que todos se empenhem no mesmo objetivo, o trabalho

fluirá num ambiente de harmonia e bons relacionamentos, e a convivência no Grupo será um fator importante para que cada um se desenvolva como adorador e discípulo de Cristo.

Contudo, se o objetivo não for alcançado, os relacionamentos pessoais certamente se deteriorarão e os desentendimentos causarão o fracasso do trabalho.Para manter a harmonia no Grupo, o bom Líder de Louvor desempenha uma função pastoral, demonstrando paciência e genuíno amor pelo semelhante.

Valoriza os membros do Grupo de Louvor, fazendo-os sentir que o seu trabalho é muito importante para a edificação espiritual da igreja. Motiva-os e os trata com empatia, sem considerá-los soldados que estão às suas ordens para satisfazer os seus caprichos. A falta de valorização das pessoas é um forte motivo pelo qual elas abandonam o Ministério de Louvor.

3) O Líder dirige o louvor e conduz a ministração, interagindo com a congregação.

Na direção do canto congregacional, o Líder acompanha a igreja com a voz, normalmente cantando a melodia, e tem a opção de usar gestos para estabelecer a dinâmica, o andamento e as entradas e cortes da música. Por outro lado, na ministração de louvor, o Líder desenvolve um trabalho mais amplo, que envolve falas durante ou entre os hinos, transformando o canto congregacional em um momento espiritualmente rico, que une a música e a Palavra Ministrada.

Na direção do louvor e na ministração, o foco deve ser a mensagem tanto da letra quanto da melodia do hino. A intenção do Líder é conduzir a congregação à compreensão plena da mensagem que o hino contém.

Ele deve ter em mente que o que realmente importa não é a sua performance pessoal, mas sim o conteúdo do cântico. A voz e as palavras do Líder devem estar a serviço da mensagem espiritual e edificante contida na música.

Ao dirigir ou ministrar o louvor, o Líder deve considerar com cuidado os seguintes pontos:

- **Emoções da congregação**

A voz, falada ou cantada, é um elemento poderoso para tocar as emoções.[1] Contudo, o objetivo do Líder não é produzir momentos emocionais ou de êxtase coletivo, mas sim trazer à tona o potencial emocional da própria música, sempre de maneira equilibrada e dentro dos limites da razão. Quanto mais o hino for compreendido, com mais fervor ele será cantado pela igreja, e os momentos emocionais e de contrição naturalmente virão, não devido à agitação de sentimentos provocada pelo Líder de Louvor, mas devido ao trabalho do Espírito Santo nos corações.

- **Comunicação eficaz com a congregação**

Para que o louvor possa fluir, é essencial que o Líder crie um ambiente de interação e comunicação no culto. A comunicação é eficaz quando consegue estabelecer e manter um alto índice de participação da congregação no louvor, levando as pessoas a se entregarem ao Senhor.

Se boa parte dos presentes à reunião não canta os hinos congregacionais, algo está errado. Esse desencontro pode ter várias razões, mas, na maior parte das vezes, ocorre por falta de comunicação eficaz do Líder com a congregação, o que impede a interação entre os dois lados. A igreja não se sente convidada a participar da "jornada" de adoração, e o resultado é o canto apático e desanimado.

Se a congregação não está acostumada ao Líder e vice-versa, se não há um perfeito entrosamento entre eles, o louvor não flui. O povo conhece o seu Líder de Louvor, sabe quando ele está tranquilo, se está bem ou não. O Líder também conhece a congregação e pode detectar se ela está cansada fisicamente, afadigada espiritualmente etc. Quando levanta a mão, faz um gesto, ou usa o tom de voz, a igreja, que o

conhece, segue suas orientações! Qualquer gesto seu é correspondido pelo povo, que já se acostumou com ele!

Para se comunicar eficazmente com uma congregação, o Líder de Louvor precisa conhecê-la em particular, sabendo suas características musicais e extramusicais. Informações como o perfil etário e social e a formação musical dos membros da igreja podem ser úteis para a escolha do repertório e até mesmo para a condução da ministração.

O Líder deve "perceber" as reações da congregação para interagir com ela. A interação é necessária para ajudar as pessoas a abrirem seus corações durante a ministração. Com o tempo, o bom Líder se tornará mais sensível às necessidades da igreja e saberá o tipo de hino preferido e o melhor modo de levar o povo a participar mais ativamente do louvor. Também tratará a congregação com respeito e amor, num ambiente de aceitação e paz, sem ofender as pessoas.

Uma maneira de medir a eficácia da comunicação é verificar as expressões da congregação. No canto congregacional, as expressões são fundamentais. Elas dão vida à adoração e reforçam o significado do que está sendo cantado. O Líder deve incentivar e facilitar as expressões da congregação durante o momento de louvor. Se o povo não corresponder aos seus comandos, ele poderá adotar medidas que produzam maior participação da igreja na adoração, como, por exemplo, pedir que os instrumentos e o Grupo de Louvor silenciem para que apenas as vozes congregacionais sejam ouvidas, ou estimular a resposta dos irmãos pronunciando um sonoro "amém".

Deve ficar claro que o Líder não é um animador de culto, mas um dirigente do louvor. O seu papel não é falar ou cantar o tempo todo, mas conduzir pessoas à adoração, estimulando expressões espontâneas e genuínas da congregação.

Referências bibliográficas

1 *Evangelismo, p. 504.*

Capítulo

6

A ministração de louvor

A ministração de louvor é o ponto para onde convergem todo o planejamento e os preparativos feitos pelo Líder de Louvor. É o momento em que se concretiza a missão de conduzir a congregação à presença do Senhor através da música. O resultado não pode ser alcançado pela força humana do Líder de Louvor, mas apenas através da ação do Espírito Santo. Entretanto, a ministração de louvor, se bem realizada, é uma ferramenta poderosa de cooperação humana na operação divina de sensibilizar os corações.

Três fatores importantes devem ser considerados para que a ministração de louvor seja bem-sucedida:

1) As falas do Líder devem se centralizar na mensagem da música.

Na ministração de louvor, o objetivo é fazer a congregação aproveitar ao máximo o potencial da música. As falas do Líder devem dirigir a atenção de todos para a mensagem que a música contém e os benefícios que ela tem a oferecer.

2) O "timing" da ministração deve se adaptar ao ritmo e à dinâmica da música que será executada.

A mensagem do hino não se restringe à letra, mas inclui todos os seus elementos musicais. Portanto, é importante que as falas do Líder respeitem o ritmo e a dinâmica da música que está sendo cantada. Assim, a palavra falada e a palavra cantada não serão coisas estranhas entre si, mas andarão em perfeita consonância.

3) Jamais deve-se transmitir uma sensação de demora.

A sensação de demora decorre de três motivos: falas muito longas, intervalos de tempo vazios e músicas com andamentos excessivamente lentos.

- Na ministração, as falas e interações devem ser claras, rápidas e objetivas. O Líder de Louvor precisa se lembrar que não é o pregador do culto. Se ele estender a sua fala, gerará atritos com o pregador e cansaço na congregação.

- Os períodos de tempos vazios normalmente decorrem da falta de organização e planejamento adequados do culto. A paralisação devido a atrasos dos músicos ou a problemas no sistema de mídia distraem a congregação, revelam desordem e criam uma sensação de demora, impedindo a formação de um ambiente de adoração. Todas essas situações podem ser evitadas se o Líder conhecer bem a liturgia do culto e verificar previamente se os participantes da ministração estão a postos para desempenharem as suas funções no tempo devido. Diante de situações inesperadas, o Líder deve ter o traquejo para ministrar de improviso, evitando os intervalos de tempo vazios e a sensação de demora que eles causam.

- Outro fator que cria a sensação de demora é a velocidade excessivamente lenta dos hinos. O Líder deve estar sempre atento ao andamento musical, em primeiro lugar, fixando-o corretamente no início e, depois, não permitindo que ele diminua gradualmente no decorrer da música. Sobre esse assunto falaremos com mais vagar no próximo tópico.

ASPECTOS MUSICAIS DA MINISTRAÇÃO

Melodia

A melodia é o elemento musical mais adequado para conduzir a mensagem do louvor. A impressão duradoura do cântico está contida na melodia, portanto, é ela que fica gravada na memória do adorador.

No louvor congregacional, a melodia deve ser simples e fácil de memorizar, sem grandes saltos ou intervalos difíceis de entoar, que dificultam o aprendizado e desestimulam o canto pela congregação. Melodias complexas podem ser adequadas para grupos musicais selecionados, mas dificilmente serão apropriadas para a congregação.

O ideal é que o Líder de Louvor cante a melodia, pois normalmente as pessoas seguem a sua voz. Por isso, ela deve ser cantada de maneira precisa, sem floreios que desviem a atenção do público da linha melódica. A congregação, especialmente os visitantes, deve ter uma referência firme e segura da melodia, para que não se sintam perdidos, sem saber qual nota cantar.

A letra da música deve ser pronunciada de forma clara e precisa, com ênfase nas sílabas fortes, facilitando o aprendizado correto da melodia pela congregação. Quando o hino contém mais de uma estrofe, é aconselhável que a primeira seja cantada em uníssono, para que todos se familiarizem com a música antes de participarem do cântico em harmonia de vozes. A harmonização das vozes é secundária em relação à melodia e não deve, de modo algum, prejudicar a compreensão da melodia pela congregação.

Ritmo

O ritmo é essencial para "ligar" o Líder e o Grupo de Louvor com a congregação. A igreja entra com mais facilidade no espírito do louvor quando percebe que a música segue o tempo correto, permitindo as respirações nos lugares certos, as dinâmicas adequadas e as ênfases necessárias na letra.

O Líder deve saber que um ritmo conduzido de maneira equivocada impede o fluir da música e destrói a eficácia da mensagem do cântico. Consideremos casos específicos:

- Alguns hinos possuem longos espaços vazios entre as estrofes, o que pode fazer o Líder de Louvor se sentir tentado a antecipar a frase seguinte, em desacordo com o compasso correto. Essa antecipação impede que a congregação aproveite o amplo

potencial da música, que exige momentos de pausa para que sua mensagem seja plenamente compreendida.

O compasso é um elemento rítmico importante para manter a constância da música, permitindo que ela flua e transmita sua mensagem naturalmente, sem sobressaltos. O Líder de Louvor deve manter a estabilidade rítmica, trabalhando a dinâmica sem descaracterizar o ritmo dos cânticos.

- O andamento excessivamente lento ou rápido pode atrapalhar a fluência do louvor. Embora cada música tenha seu próprio andamento, os excessos causam problemas. O andamento muito lento produz a sensação de que o cântico é pesado e enfadonho, o que desmotiva o público. Em muitos casos, a igreja não canta com ânimo porque a música está sendo conduzida devagar demais. Por outro lado, se o andamento for muito rápido, as pessoas não terão tempo para aproveitar a letra ou respirar entre as frases, o que também impede a fluência natural do louvor.

O Líder pode diminuir ou aumentar o andamento, mas sempre com cuidado, evitando mudanças bruscas que não combinem com o ambiente da adoração. Normalmente, movimentos curtos com a mão indicam um andamento mais rápido, enquanto movimentos amplos e extensos revelam a intenção de diminuir a velocidade da música.

Flexibilidade e espontaneidade no louvor

O louvor congregacional é uma forma de adoração que cura, traz alegria a muitas almas, quebranta corações endurecidos, expulsa o poder das trevas e realiza grandes coisas. Todas essas bênçãos são operadas pelo Espírito Santo através da música. O instrumento humano que lidera o culto não pode se esquecer de que é apenas uma ferramenta nas mãos do Senhor, este sim o verdadeiro Condutor da adoração. Por isso, ao dirigir o louvor, o Líder deve estar sensível à ação divina, que nem sempre coincide com o planejamento humano.

Deus não se agrada de um culto sem ordem e organização, razão pela qual o planejamento é necessário e importante. Entretanto,

o canto congregacional se caracteriza pela espontaneidade e, durante a ministração, surgem situações variáveis para as quais o Líder terá que mostrar flexibilidade, a fim de otimizar o momento do louvor. Às vezes, será preciso mudar a dinâmica e o andamento dos hinos, fazer sinal aos músicos para tocarem mais suave ou mais forte, repetir várias vezes o mesmo coro ou pedir que apenas as mulheres ou os homens cantem determinado trecho da música.

O ideal é que o Líder tenha um repertório de recursos como os mencionados acima para ser usado nos momentos adequados. Porém, o uso desses recursos não pode quebrar a linha condutora da ministração. O sentido geral do louvor deve ser mantido para evitar o improviso e a desordem no culto.

O Grupo de Louvor deve estar preparado para seguir as orientações que o Líder estabelecer no decorrer do culto. Com o tempo, Líder e Grupo de Louvor desenvolverão juntos a sensibilidade para perceber as necessidades da congregação e encontrar os movimentos adequados para supri-las. Uma coisa é certa: uma ministração nunca será igual a outra. Sempre haverá um fator distintivo que exigirá uma resposta criativa dos líderes e cantores naquele momento, para manter o frescor do louvor. Aliás, essa é uma característica encantadora do canto congregacional que o distingue dos cânticos de outros grupos musicais: um coral, quarteto, grupo misto ou solista ensaia exaustivamente para se apresentar, ao passo que a congregação não ensaia; portanto, o louvor congregacional sempre será mais espontâneo e sujeito a situações que requerem criatividade e flexibilidade. O Líder que se prende rigidamente ao que foi planejado nos ensaios pode estar falhando em não desenvolver a sensibilidade que o canto congregacional exige.

A postura do bom Líder de Louvor é espontânea e coerente. Ao cantar músicas de impacto, age de forma dinâmica e alegre. Ao cantar músicas de consagração, porta-se com profundidade. Em todos os casos, o Líder deve centralizar a sua conduta em Cristo. Esse é o fator essencial para que o louvor seja uma benção para a igreja.

"Construção de um pacote de adoração"

Nas ministrações longas, é necessário "construir" uma sequência musical coerente, com hinos que se comunicam entre si, formando um verdadeiro "pacote de adoração". Os cânticos em sequência transmitem uma mensagem não apenas pelas letras, mas principalmente através das melodias, harmonias, dinâmicas e andamentos que, somados, formam um todo musical capaz de criar oportunidades poderosas para que a congregação seja conduzida à presença de Deus.

Normalmente, o clímax dessa sequência são os hinos de consagração, que contêm maior carga emocional e se adequam melhor ao ambiente solene e de contrição. Já conduzi ministrações de uma hora apenas com músicas congregacionais e pequenas falas entre elas, em que hinos de consagração, tais como "Tudo entregarei", "Tudo no altar", "Eu venho como estou", "Manso e suave" e "Quero estar ao pé da cruz", foram o ponto alto, produzindo um ambiente altamente espiritual e emotivo.

Evidentemente, o pleno potencial do hino de consagração só se alcança quando ele é precedido por outros tipos de hinos, que mergulham os adoradores no espírito da adoração, preparando os corações para as sublimes impressões da música mais solene.

O Líder de Louvor deve aprender a "construir um pacote de adoração" de modo consistente, extraindo o melhor de cada grupo de hinos, como se fossem novos, mesmo que de fato sejam velhos conhecidos do público.

Ele deve se familiarizar com as nuances e as possibilidades que os cânticos do "pacote" têm a oferecer, para que, na ministração, possa transpor para as palavras a linguagem daquelas músicas. Assim, o louvor fluirá sem necessidade de muitas mensagens faladas ou explicações. As próprias músicas são a mensagem, e o Líder apenas permite que os cânticos "liderem" o louvor por si mesmos. Para que isso ocorra, a escolha da sequência musical não pode ser feita ao acaso, mas exigirá dedicação e pesquisa por parte do Líder de Louvor.

POSTURAS QUE O LÍDER DE LOUVOR DEVE EVITAR

1. O Líder de Louvor não é o centro das atenções

O bom Líder de Louvor se comunica bem e canta bem. No momento da ministração, ele não exerce a função de pregador, não fala em excesso nem tenta dirigir o culto, mas apenas atua para que o cântico alcance o coração das pessoas. O Líder que fala demais desvia o foco da mensagem da música para si próprio. Alguns líderes fazem verdadeiros sermões entre uma música e outra, o que cansa a congregação e impede a fluência do louvor.

Por outro lado, se nada for falado, haverá um vazio no louvor. Instruções durante os cânticos podem direcionar positivamente a expressão coletiva da congregação. Entretanto, o Líder deve falar somente o necessário, com brevidade, apenas o suficiente para preparar o público para o cântico seguinte.

O alvo do Líder de Louvor não é se destacar durante a ministração, mas apenas direcionar os olhos das pessoas para o Senhor. Ele é um instrumento através do qual atua o Espírito Santo, que é o verdadeiro Dirigente da adoração. Quando compreende isso, o Líder:

- Evita o virtuosismo e o individualismo na música, na postura e nas palavras. Assim, no louvor congregacional, não ocorrerá a exibição de melismas ou floreios virtuosísticos nas vozes ou instrumentos.

- Evita movimentos físicos que atraem a atenção para si. São funções do Líder de Louvor falar, gesticular, direcionar e interagir com a congregação. Tudo isso tem seu lugar, mas deve ser executado da maneira menos espalhafatosa e mais discreta possível. No culto, o objetivo é servir a Deus e à comunidade. O Líder deve focar na ministração, não na performance pessoal. Sua função não é se apresentar para a igreja, mas cantar com ela, extraindo da congregação o máximo do seu potencial musical.

2. O Líder não deve manipular a congregação

O Líder de Louvor não tem poder para sensibilizar uma pessoa sequer. Quem realmente move e convence os corações é o Espírito Santo. O Líder humano é apenas o veículo através do qual o Espírito atua. Cabe a ele estimular e motivar as pessoas ao louvor, mas elas têm a prerrogativa de reagir ou não, de acordo com a liberdade que Deus dá a cada um. Os bons líderes não manipulam, mas exortam. Não tentam controlar, mas procuram inspirar.

Quando o Líder usa técnicas de controle para que as pessoas façam exatamente o que ele quer, a ministração de louvor fica seriamente comprometida. O método de obter decisões através da manipulação dos sentimentos não tem a aprovação divina, pois impede o exercício pleno do livre arbítrio das pessoas. O Líder de Louvor que tenta manipular os irmãos entra em terreno perigoso, suscetível à influência maligna. Ele deve entender que não é o controlador da adoração e, portanto, não tem o direito de manipular quem quer que seja.

A verdadeira adoração não se submete ao controle humano porque é produzida sob a inspiração divina. A tendência de controlar o culto se baseia na ideia equivocada de que os líderes sabem encaminhar o povo para lugares de bênçãos espirituais. A motivação é aparentemente correta, mas a tendência humana é executar o propósito divino com a força do homem, e aí está o problema. Cheio de confiança própria, o Líder controlador se impacienta ao ver que o progresso das expressões de adoração do povo não corresponde às suas expectativas e passa a usar outras ferramentas de controle. Assim, o culto deixa de ser um momento de paz e comunhão com Deus e se transforma num mecanismo de manipulação de pessoas. Esse modo errado de dirigir o louvor é corrigido apenas quando o Líder reconhece que não sabe tudo o que o Espírito quer fazer, e então se entrega nas mãos dEle como mero instrumento que contribuirá para levar os adoradores a lugares que só Deus conhece.

Algumas igrejas se acostumam a louvar na proporção direta do nível de emoção que o Líder de Louvor consegue produzir no público. Se o Líder é moderado, o louvor da igreja também o é. Se ele grita

ou se agita, a congregação o segue. Esse quadro pode levar a pessoa a se orgulhar, acreditando que o sucesso do culto depende do nível emocional da sua performance. Contudo, as coisas não devem funcionar assim. O Líder não está ali para produzir adoração nos irmãos, mas apenas como ferramenta nas mãos de Deus, para inspirar a igreja a deixar-se guiar pelo Espírito Santo. Quando não se tem a consciência de que é a Divindade que move os corações, o homem toma para si a responsabilidade de fazer as pessoas adorarem, aumentando consideravelmente o risco de manipulação.

O poder da música deve ser utilizado, mas não para manipular pessoas. A linha que separa o poder da música e a manipulação é tênue. Não há nada de errado em proferir palavras de incentivo e direção. Na verdade, isso faz parte da boa estratégia do Líder para direcionar a congregação ao louvor. Entretanto, é necessário observar continuamente se a intenção de manipular está presente.

O máximo que líderes de louvor podem fazer é incentivar as pessoas à adoração. O incentivo ocorre através das palavras, das músicas e, principalmente, das atitudes. As atitudes de adoração do Líder falam mais alto do que qualquer outra coisa. Ao olhar para ele, a igreja deve sentir-se incentivada ao louvor.

PREPARO DO LÍDER PARA UMA BOA MINISTRAÇÃO DE LOUVOR

Para que o propósito da ministração de louvor seja alcançado, o Líder deve estar preparado em relação a três fatores essenciais:

a) Qualidade vocal

Considerando que "a voz humana no canto é um dos talentos dados por Deus para a Sua glória" e que, uma vez consagrado ao Senhor e para o serviço da Sua causa, o dom da voz é uma bênção,[1] o Líder de Louvor deve preocupar-se em desenvolver sua qualidade vocal.

Em primeiro lugar, é essencial que o Líder de Louvor seja afinado. Entretanto, outras qualidades vocais devem ser desenvolvidas: o timbre pode se tornar mais bonito, o registro vocal pode ser ampliado, os vibratos podem ser feitos com mais qualidade, a capacidade de variar a dinâmica pode aumentar, entre outros aspectos. Enfim, não há limite para o aperfeiçoamento da voz. Aulas de canto e ensaios frequentes são importantes para o desenvolvimento da qualidade vocal.

O Líder de Louvor não pode se esquecer que "Aquele que nos tem concedido todos os dons que nos capacitam a ser cooperadores com Deus, espera que Seus servos cultivem suas vozes, a fim de que possam falar e cantar de modo que todos compreendam."[2]

O bom Líder possui uma voz de qualidade suficiente para motivar as pessoas a cantarem com ânimo e convicção. É indispensável que o público ouça claramente a mensagem do cântico. Quando isso ocorre, a congregação tende a imitar o modo como o Líder canta, de modo que a voz dele modela a maneira de cantar da igreja. Porém, se os irmãos não se sentem motivados a imitar o canto do Líder, a liderança deste deixa de existir. Por isso, é importante ficar atento ao volume do canto congregacional, para verificar se a maioria está cantando ou não.

"Não é o canto alto que é necessário, mas entonações claras, pronúncia correta e dicção distinta." O Líder deve reservar "tempo para cultivar a voz, de modo que o louvor de Deus seja entoado em tons claros, suaves, sem asperezas e estridências que ofendam ao ouvido. A aptidão para cantar é um dom de Deus; que seja usado para a glória dEle." [3]

b) Postura corporal adequada

O Líder de Louvor deve agir com naturalidade durante a ministração, mantendo uma postura adequada ao momento litúrgico e à música que está sendo cantada. O hino solene pede postura mais comedida, enquanto o corinho permite uma postura mais informal. Em todos os casos, deve-se lembrar que o louvor se realiza na presença de

um Deus santo, e, por isso, a reverência é essencial. Gestos rudes, gracejos ou expressões chulas não devem ocorrer em momento algum.

As coreografias não são adequadas, mas o Líder de Louvor não precisa ficar parado o tempo todo. Alguns líderes são como estátuas, ficando imóveis durante a ministração. Isso faz com que a igreja também se sinta fria e imóvel. Outros se movimentam excessivamente, correm e gesticulam de maneira que a congregação perde o referencial espiritual da ministração. Não há normas rígidas sobre a postura do Líder de Louvor no culto, mas o ideal é que ele revele alegria, especialmente no semblante e no tom das palavras, e contrição, em consonância com a santidade da presença de Deus.

Enquanto ministra o louvor, o Líder deve ser visto por toda a congregação, mas deve adotar um estilo que o faça, em certo sentido, invisível, para que o foco principal do público esteja dirigido a Deus. É fato que o louvor congregacional necessita de direção, e o Líder não deve renunciar às suas funções, mas é importante que ele o faça de maneira discreta. Seu esforço deve concentrar-se em conduzir a congregação à presença do Senhor.

As responsabilidades "visíveis" do Líder são variadas: ele dirige visualmente a congregação através de gestos e com a voz, participa pessoalmente da adoração com expressões de alegria e devoção, envia sinais e instruções visuais aos músicos e ao Grupo de Louvor e faz uso da palavra para ministrar o louvor, exortando, mencionando textos bíblicos etc. Essas atividades resumem-se na ministração de louvor, porém, para executá-las bem, o Líder deve adotar posturas que potencializem sua comunicação com o público: caminhar no altar, transmitindo segurança à igreja; expressar-se com gestos, incentivando a participação da igreja; e olhar nos olhos da congregação, demonstrando confiança e autoridade. Deve evitar, no entanto, movimentos excessivamente rápidos, amplos ou espalhafatosos. A diretriz para o Líder de Louvor é realizar as atividades necessárias com uma postura que atraia a mínima atenção para si mesmo.

c) Domínio do "timing"

"Timing" é a repartição no tempo das diferentes tarefas a serem executadas durante a ministração. "Timing" e ritmo são conceitos muito próximos. Ambos se relacionam com o fator tempo, mas o "timing" é mais amplo que o ritmo, pois envolve não apenas o tempo da música, mas a organização do tempo na ministração de louvor como um todo, que inclui as falas do Líder e as eventuais interações com a congregação.

Os intervalos de tempo reservados para as ministrações de louvor devem estar previstos na liturgia. Para evitar atrasos e mal-entendidos, é importante que a liderança da igreja conheça o programa litúrgico da reunião antecipadamente.

Ministração rápida e ministração longa

Cada hino congregacional pode envolver uma pequena ministração rápida, mas é recomendável que, em todos os cultos, haja ao menos uma ministração longa. Na Escola Sabatina, sugerimos dois períodos de ministração longa: um no momento do segundo hino ou na apresentação dos visitantes, e outro no interlúdio que antecede o Culto Divino.

Consideremos os dois tipos de ministração:

- **a) Ministração rápida:** pode ser feita em qualquer louvor congregacional. Se o hino durar 3 minutos, por exemplo, o tempo de ministração será de aproximadamente 3 minutos e 30 segundos, ou seja, o tempo do hino mais 30 segundos. Embora pareça pouco tempo, em 30 segundos o Líder de Louvor pode direcionar a congregação, usando palavras impactantes que se relacionem com a mensagem da música. As falas podem ocorrer antes ou durante a execução do hino.

- **b) Ministração longa:** ocorre em momentos pré-determinados do culto, nos quais a música é útil para proporcionar momentos de comunhão espontânea, reavivar a congregação ou

levá-la a um estado de devoção. Por exemplo, o momento de apresentação das visitas combina bem com uma ministração longa, que ajudará a criar um ambiente leve, de comunhão espontânea entre os irmãos. Nesse caso, pode-se usar um hino suave, mas rápido, ou um corinho. Se o hino ou corinho durar 3 minutos, o ideal é que o Líder disponha de mais 3 minutos para falar e interagir com a igreja, oferecendo tempo suficiente para uma comunicação eficaz, utilizando palavras e realizando interações criativas com a congregação.

Outro momento em que uma ministração longa se encaixa bem é o interlúdio entre a Escola Sabatina e o Culto Divino. Aqui, o ideal é que ao menos duas músicas sejam cantadas, sendo a última delas um corinho suave e lento ou um hino de consagração ou de doxologia, para preparar a congregação para o momento solene do Culto Divino. Nesse momento, recomenda-se que o tempo total da ministração seja o dobro do tempo das músicas, ou seja, entre 6 e 8 minutos.

Nos exemplos mencionados, a ministração de louvor não deve se alongar além do previsto. Primeiro, porque a reunião tem um cronograma e horários a serem respeitados; segundo, porque a congregação pode se entediar com falas longas. A não ser em reuniões específicas de música, é preferível realizar duas ministrações de 6 ou 8 minutos do que uma de 12 ou 15 minutos. O importante é que a congregação participe mais vezes, em momentos diferentes do culto

Referências bibliográficas

1 *Evangelismo, p. 498.*
2 *Testemunhos para a igreja, vol. 9, p. 143.*
3 *Evangelismo, p. 504.*

Capítulo

7

Seleção de repertório

O repertório musical do culto deve ser vibrante e vital para a comunidade de crentes. Vibrante porque deve alcançar o intelecto e a emoção dos adoradores. Vital porque o real propósito do louvor é proporcionar um momento de conexão com o Criador. Cada nova música deve trazer o frescor de um novo contato com a Palavra de Deus. (Walena Magalhães.)

O cântico que a congregação dirige a Deus deve ser agradável e de boa qualidade, porém singelo, não música extática, extravagante ou virtuosística, mas centrada na Palavra, com sobriedade e espírito de gratidão. (Claudio Peres.)

É importante que os que dirigem o Ministério de Louvor na igreja sejam criativos e inovadores. Não devemos permitir que a rotina e o costume roubem o frescor da adoração. Pode-se incluir no culto cânticos atuais, porque a inspiração para compor boa música não terminou quando foi incluído o último hino no hinário. Ao contrário, hoje muitos compositores cristãos criam cânticos preciosos para louvar e adorar ao Senhor, com melodias novas que não devemos descartar. Esses cânticos são inspirados pelo mesmo Espírito que inspirou os compositores do passado.

Por outro lado, os hinos do passado que marcaram época e inspiraram gerações de crentes não podem ser esquecidos. Trazem mensagens que o tempo não apaga, que contribuíram para a formação da identidade cristã dos nossos pais e avós. Tais cânticos não devem faltar nas nossas reuniões. Temos que aprender a inovar e, ao mesmo tempo, conservar o melhor de nossa preciosa herança espiritual.

CRITÉRIOS PARA A SELEÇÃO DO REPERTÓRIO

Na seleção de hinos para o culto, alguns cuidados específicos devem ser tomados:

1. A música não pode ultrapassar o limite de compreensão da congregação. Os participantes do culto devem compreender e sentir o que cantam ou ouvem e responder espontaneamente. "O coração deve sentir o espírito do cântico, a fim de dar-lhe a expressão correta".[1]

Para que a música alcance plenamente a sua função edificadora, os hinos devem ser significativos e relevantes para a comunidade de crentes. A música adequada ao culto é compreensível aos adoradores em geral, não apenas aos entendidos na arte musical.

A melodia acessível ao povo edifica a igreja de maneira mais poderosa que a música elaborada, que apenas uns poucos entendem. A melodia simples, se bem cantada, pode trazer ao culto beleza e edificação, ao passo que a música complexa, executada com esforço ou pretensão, contribui para criar um ambiente de distanciamento ou indiferença do adorador para com Deus.

Nos hinários, normalmente existem músicas que, apesar de bonitas, são tecnicamente difíceis. Essas músicas podem não ser adequadas para a congregação, mas podem ser apropriadas para um grupo musical ou solista. A música acessível à congregação, em termos gerais, apresenta as seguintes características: (Denise Cordeiro.)

a) Registro vocal que não excede uma oitava e não apresenta grandes saltos de intervalos.

b) Não contém frases extensas na melodia, facilitando a respiração dos cantores e instrumentistas.

c) Repetições e sequências musicais em equilíbrio, de maneira que a estrutura musical possa ser reproduzida e memorizada com facilidade.

d) Prosódia correta, ou seja, os acentos tônicos das palavras são articulados em tempos fortes ou partes fortes de tempo, e os acentos fracos, nos tempos fracos do compasso.

e) Na execução da música, o andamento não deve ser nem rápido demais, o que impediria a respiração entre as frases, nem excessivamente lento, o que tornaria o canto enfadonho e pesado.

f) Harmonia que respeita as regras da música tonal, com variedade harmônica que ressalta as cadências e estrutura bem as frases. Enfim, não é música "ousada", que causa estranheza ao ouvido não treinado musicalmente, nem simplória, que agride o senso estético.

2. A música deve ser adequada para o momento específico do culto.

"Os que fazem do canto uma parte do culto divino devem escolher hinos com música apropriada para a ocasião, não notas de funeral, porém melodias alegres, e, todavia, solenes."[2]

Todas as partes do culto servem para a adoração a Deus, mas, além disso, cada uma delas possui também uma finalidade específica. A oração pública, a oração silenciosa, o ofertório, o estudo interativo das lições, os momentos sociais, de testemunho e de instruções missionárias, cada uma dessas partes possui objetivo próprio no contexto do culto.

As músicas que acompanharão cada parte do culto devem concordar com as respectivas finalidades específicas. O propósito da música é contribuir para que cada momento alcance o seu objetivo.Se a finalidade é apelar ao coração do ouvinte para uma decisão espiritual, deve-se usar um hino de consagração, interpretado de modo suave. Se o objetivo é "despertar" a congregação dispersa, levando-a a concentrar-se no culto, o louvor adequado será um hino de impacto, interpretado em andamento mais rápido e de modo enérgico.

Para o momento do ofertório, deve-se escolher hinos que estimulem nos adoradores o sentimento de entrega. Enfim, a música

congregacional não deve ser selecionada aleatoriamente, mas sempre com o objetivo de contribuir para que cada momento do culto alcance a sua finalidade.

Referências bibliográficas

1 *Patriarcas e profetas, p. 594.*
2 *Evangelismo, p. 508.*